

saber de fazer

**Catálogo da exposição dos trabalhos
do Mestrado Integrado em Arquitetura
2024/2025**

07	Nota de Abertura Miguel Gomes	141	Arquitetura V Enunciado do projeto
09	Arquitetura I Enunciado do projeto	142	João Trindade Gabriel Pousada Rita Jesus Tiago Adónis Karolina Wykowska Manuel Figueiredo Pedro Brites Adriana Ferreira Afonso Reis Beatriz Santos Alfranio Soares Diogo Lopes Margarida Martins
10	Gabriela Gonçalves Rafael Cruz Mariana Felicíssimo Margarida Martins	158	Pedro Mendes Ana Almeida Emely Lima Rute Nistor Carolina Silva Manuel Vieira Margarida Santinhos Ester Pereira de Castro Margarida Ferreira Maria Pereira
22	Patrícia Barbas Lara Pardete Rita Espanha da Cunha	171	Arquitetura VI Enunciado do projeto
30	Mafalda Sampayo e Luís Miguel Gomes Rosa Novo Bento Francisca Dias Rodrigo Carvalho	172	João Trindade Gabriel Pousada Rita Jesus Tiago Adónis Ifigeneia Pediaditaki Adriana Ferreira Karolina Wykowska Manuel Figueiredo Bárbara Bogalho Diogo Franco Juliette Simard Tomé Antunes
43	Arquitetura II Enunciado do projeto	184	Pedro Mendes Carolina Silva Manuel Vieira Margarida Santinhos Bárbara Inês Diana Kmet Gil Figueira Pedro Guerra Filipa Fialho Guilherme Rosa Maria Vasconcelos
44	Gabriela Gonçalves Daniel Louro Leonor Roque Margarida Martins Inês Felizardo	197	Projeto de Arquitetura I Enunciado do projeto
60	Patrícia Barbas Filipa Duarte Margarida Coutinho Rita Espanha da Cunha	198	Alexandra Paio Maria García Juan Vitória Lichand Naylene Monteiro Raquel Santos Sara Vogado Erika Zito
72	Luís Miguel Gomes e Mafalda Sampayo Rosa Novo Bento Camila Barbosa Marta Santos	210	Paulo Tormenta Pinto e Pedro Pinto Carolina Pereira Joana Costa Basto Maria Dias Leonor Antunes Mariana Mercês
85	Arquitetura III Enunciado do projeto	219	Projeto de Arquitetura II Enunciado do projeto
86	Mónica Pacheco Diogo Santos Tatiana Jesus António Carvalho Beatriz Lopes dos Santos Maria Rita Pereira Miguel Martins	220	Alexandra Paio Beatriz Montês Naylene Monteiro Nuno Fernandes Raquel Santos Bruna Neto Jennifer Varela Vanessa Muchanga Diana Nogueira Vitória Lichand
98	Teresa Madeira Ana Júlia Melo Joana Alves Beatriz Alves Carolina Pereira Lara Cortes João Jacob Maria Agapito	232	Paulo Tormenta Pinto Pedro Pinto Carolina Compôete Gonçalo Gomes António Villagra Daniel Opris
111	Arquitetura IV Enunciado do projeto		
112	José Luís Saldanha Ana Júlia Melo Joana Alves Carolina Rodrigues Diana Ferreira		
120	Mónica Pacheco Afonso Santos Duarte Bento André Sousa Margarida Lima Miguel Martins Vera Ferreira Ana Simões Joaquim Santos Danikéli Prado Sara Leitão		

241 Projeto Final de Arquitetura

242 Miguel Gomes e Teresa Rodeia

Enunciado do projeto
Miguel Café
Rafael Barreira
Rebeca Nunes

260 José Maria Cumbre

Enunciado do projeto
Lucas Bujisman
Tomás Ramos
Ana Maria Teixeira

273 José Luís Saldanha, Paula André e Rosália Guerreiro

Enunciado do projeto
Alycie Silva

279 José Neves

Enunciado do projeto
Laura Henrique
Manuel Maria Ramos
André Batista
João Pedro Barroso
Marta Neto
Vasco de Castro
Beatriz Medina
Beatriz Viviana Rocha
Francisco Albuquerque
Mafalda Melancia
Maria do Mar Rafael

299 Área Científica de Desenho

Introdução

301 Desenho I

Componente A

279 Sérgio Antunes e Teresa Rodeia

Afonso Malato
Lara Pardete
Daniel Louro
Carolina Gomes
Inês Prazeres
Rosa Novo Bento

309 Desenho II

Componente A

310 Teresa Rodeia

Rita Espanha da Cunha
Daniel Louro
Margarida Martins
Afonso Malatro
Lara Pardete

315 Desenho II

Componente B

316 Sérgio Antunes

Afonso Malatro
Rita Espanha da Cunha
Rosa Novo Bento

321 Desenho III

Enunciado dos Exercícios

322 Paulo Albuquerque Goinhas e Teresa Rodeia

Afonso Santos
Beatriz Santos

Comunicação Visual I

321 Elenco dos Exercícios

Paulo Albuquerque Goinhas

322 Diana Ferreira
João Jacob
Joana Alves
Maria Olejnik

Comunicação Visual II

335 Elenco dos Exercícios

Sérgio Antunes

336 Adriana Ferreira
Gabriel Pousada
Rute Nistor
Rita Jesus
Bárbara Costa

Nota de abertura

Miguel Gomes

A exposição Saber de Fazer acontece anualmente no âmbito do FISTA (Forum of ISCTE School of Technology and Architecture) e constitui uma importante mostra do trabalho realizado pelos alunos do Mestrado Integrado em Arquitetura.

A exposição, concebida e realizada pelos alunos participantes, assume a importância de uma reflexão interna sobre o trabalho proposto aos alunos e das suas consequentes realizações, constituindo um momento em que a escola se pode rever a si própria no conjunto das propostas apresentadas.

A aprendizagem que se consegue e consolida pelo ato de fazer aparece de forma clara. Os processos de pensamento, de conceção e de concretização que surgem dos esforços continuados entre tentativa e erro, investigações que conduzem a conclusões e escolhas.

O Saber que apenas acontece Fazendo.

Apresentando maquetas, elementos de trabalho (esquissos, desenhos rigorosos de desenvolvimento da proposta, pequenas maquetas ou fotografias, etc) considerados importantes para o desenvolvimento das propostas, desenhos finais e o catálogo, a exposição é também uma oportunidade para que os alunos possam visitar os seus trabalhos, particularmente no que diz respeito aos processos e metodologias de trabalho, equacionando a melhor estratégia para o apresentar em ambiente expositivo.

O catálogo aqui apresentado aparece organizado por unidade curricular de forma sequencial no curso, sendo a apresentação de cada trabalho da responsabilidade do seu autor. Para além de se constituir como documento para memória futura deste evento, fará também parte integrante da exposição, completando a apresentação das propostas (entre maquetas, desenhos finais e peças de trabalho), assumindo deste modo esta dupla função e importância.

As propostas apresentadas têm reportado, nas edições anteriores, aos trabalhos realizados na área científica de arquitetura. Esta edição a mostra aparece particularmente enriquecida com a participação das cinco unidades curriculares da área científica de desenho. A importância inestimável do desenho nos processos de pensamento e da representação vêm

ampliar o âmbito e a abrangência deste momento importante de reflexão do Mestrado Integrado em Arquitetura. Apresentar o trabalho realizado nas diferentes áreas científicas do curso será sem dúvida um desafio para as próximas edições.

No meio deste processo os alunos são necessariamente os mais importantes protagonistas. Desde a primeira edição que a exposição foi pensada e montada pelos alunos participantes. Para todos, este momento, se por um lado traduz o reconhecimento da qualidade do trabalho realizado, por outro lado permite, com já foi referido, uma nova reflexão sobre esse mesmo trabalho, bem como a possibilidade de pensar sobre as possibilidades introduzidas pelo ambiente particular de uma exposição de arquitetura.

O aumento registado ao longo das sucessivas edições desta exposição do número de trabalhos apresentados, e, portanto, de alunos participantes, obrigou a uma organização mais cuidada e atenta, criando uma equipa que se dedicou de forma mais sistematizada às tarefas necessárias à preparação e realização da exposição e em particular deste catálogo.

É para este conjunto de alunos(as) que vai, no final desta nota introdutória, uma obrigatória e merecida palavra de reconhecimento, pelo entusiasmo, pelo trabalho, pela resiliência e pela dedicação com que abraçaram esta difícil, mas importante tarefa. Sem o seu envolvimento nunca teria sido possível montar a exposição ou este catálogo.

Sincero obrigado a todos(as).

Miguel Gomes
Coordenador da Exposição

Arquitetura I

Enunciado do Projeto

Na UC de Arquitetura I, os alunos desenvolveram dois exercícios que se articularam entre si em continuidade. No primeiro, foi pedido que os alunos escolhessem um de três conjuntos de personagem:

Personagem 1 - Um construtor com grandes problemas de audição, que tem um castor como animal de estimação.

Personagem 2 - Um bailarino muito ágil, com 1.90m de altura, que tem um flamingo como animal de estimação.

Personagem 3 - Um equilibrista molengão, que tem uma preguiça como animal de estimação.

A partir da personagem escolhida e desenhada, os alunos deverão desenvolver uma proposta que se consubstanciará numa sequência de espaços fundamentais para a sobrevivência dessa personagem, tendo em conta o que imagina ser a sua forma de habitar e o seguinte programa: espaço de sonho - espaço Individual, um espaço onde a personagem pode descansar; espaço de liberdade - espaço de maior dimensão onde o personagem pode desenvolver as atividades que gosta, podendo ser um espaço interior e/ou exterior; espaço do animal - espaço para atividades com o animal de estimação, que pode ser interior e/ou exterior; espaço da memória - espaço onde o personagem guarda e/ou exhibe objetos que se relacionam com a sua atividade.

O projeto deverá ser concebido a partir de um paralelepípedo maciço de 6x6x12m, através da subtração de massa e manipulação da sua volumetria. Com o exercício pretende-se que os alunos estudem os elementos primários que definem o espaço arquitetónico, entre eles: a sua geometria; a relação entre massa e vazio; a relação entre forma e espaço; as noções de proporção e escala; a luz e a sombra; ritmos e sequências.

No segundo exercício os alunos devem, a partir da personagem escolhida no primeiro exercício, criar o espaço ideal para a personagem viver no Parque da Pedra, em Monsanto, em Lisboa. A proposta deverá ser elaborada após a reflexão e a crítica ao projeto desenvolvido no exercício anterior, criando uma sequência de espaços fundamentais para a sobrevivência do personagem e do seu animal de estimação, tendo em conta o carácter da personagem, o programa proposto e a análise do sítio de intervenção. O projeto deverá ser concebido a partir do mesmo paralelepípedo maciço de 6x6x12m, através da subtração de massa e manipulação da sua volumetria em contato com o território envolvente. Com o exercício os alunos deveriam estudar os elementos primários que definem o espaço arquitetónico e a relação da massa edificada com o território.

Docentes

Gabriela Gonçalves

Patrícia Barbas

Miguel Gomes

Mafalda Sampayo

Título do Projeto

Espaço para um Personagem

Área de Intervenção

Parque da Pedra, Monsanto

Espaço para uma personagem - O Lugar

Rita Espanha da Cunha

Patrícia Barbas

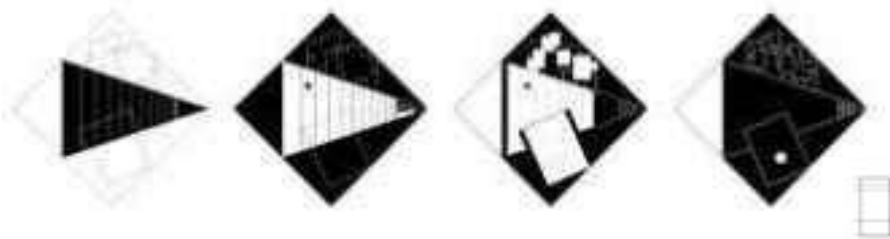
A proposta tem como objetivo a conceção de um espaço arquitetónico adaptado às necessidades de Figo, um equilibrista molengão, e Sol, uma preguiça que o acompanha para onde for. O desafio consiste em integrar a proposta com base na análise do lugar de intervenção, o Parque da Pedra em Monsanto, Lisboa, focando-se na interação entre a massa escavada e o território envolvente. A escolha do lugar para inserir o projeto foi feita com o objetivo de alcançar a máxima integração com a paisagem, respeitando a natureza do espaço e preservando as suas características essenciais. A proposta aproveita a simetria natural da pedreira, utilizando o seu perfil geológico, que cria "grutas" ao nível do solo, como elemento chave para a conceção do espaço.

É possível acede-lo tanto pela cota superior quanto pela inferior da pedreira. No entanto, devido às proporções das duas entradas, estas apenas permitem o acesso de seres de pequenas dimensões, como Sol e Figo, tornando o espaço mais restrito e intimista.

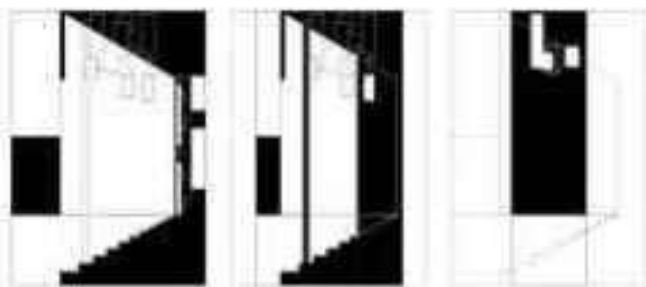
O projeto desenvolve-se através de uma sequência de espaços. A memória, representada por uma escadaria em perspetiva, é concebido como um lugar de introspeção e contemplação que pode também funcionar como exibição de objetos significativos, permitindo momentos de pausa reflexiva ou a revisitação de memórias através dos elementos dispostos ao longo do percurso. A liberdade é um espaço amplo, com um pé direito considerável, que permite a Figo praticar o seu modo de deslocação característico: um cabo atravessa o espaço, permitindo que ele se movimente de um lado para o outro. O sonho é um precipício ou varanda que estabelece uma forte ligação com a natureza, colocando Figo e Sol em proximidade com a copa das árvores, o habitat natural de Sol. O espaço dedicado à preguiça é mais confinado e labiríntico, com apenas algumas frestas de luz que o penetram enquanto o espaço partilhado entre os dois, cilíndrico, é desenhado para ambos relaxarem numa posição deitada, proporcionando um momento de pausa e convivência.



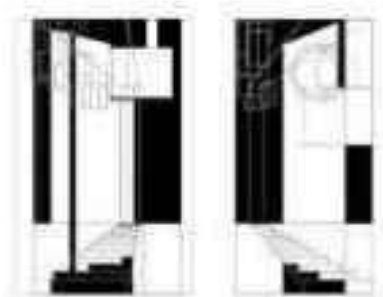
Figo e Sol
O equilibrista molengão e a preguiça
que o segue para onde for



Cortes Horizontais
1:100

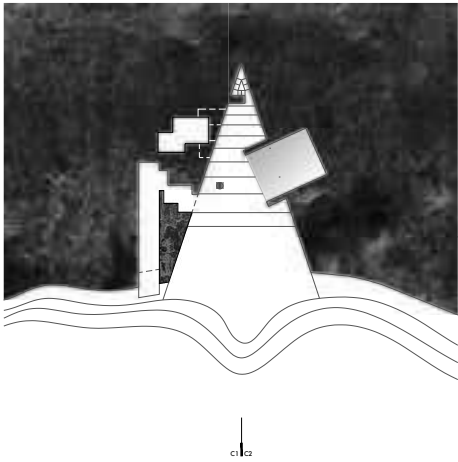
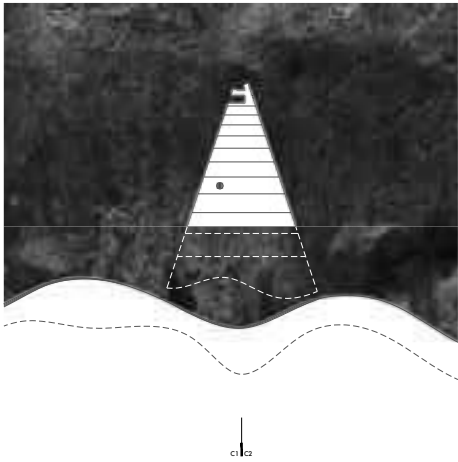
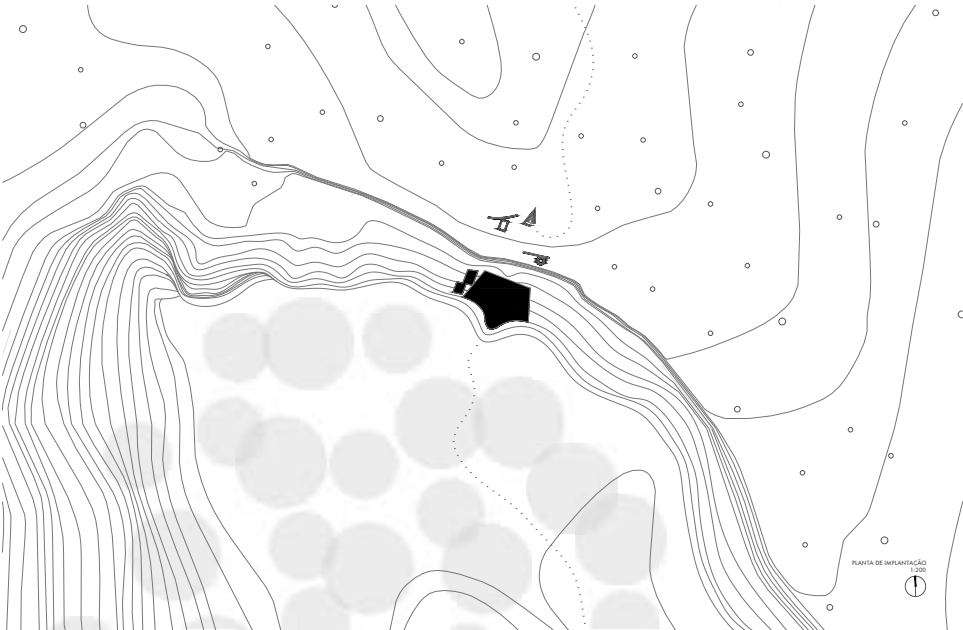
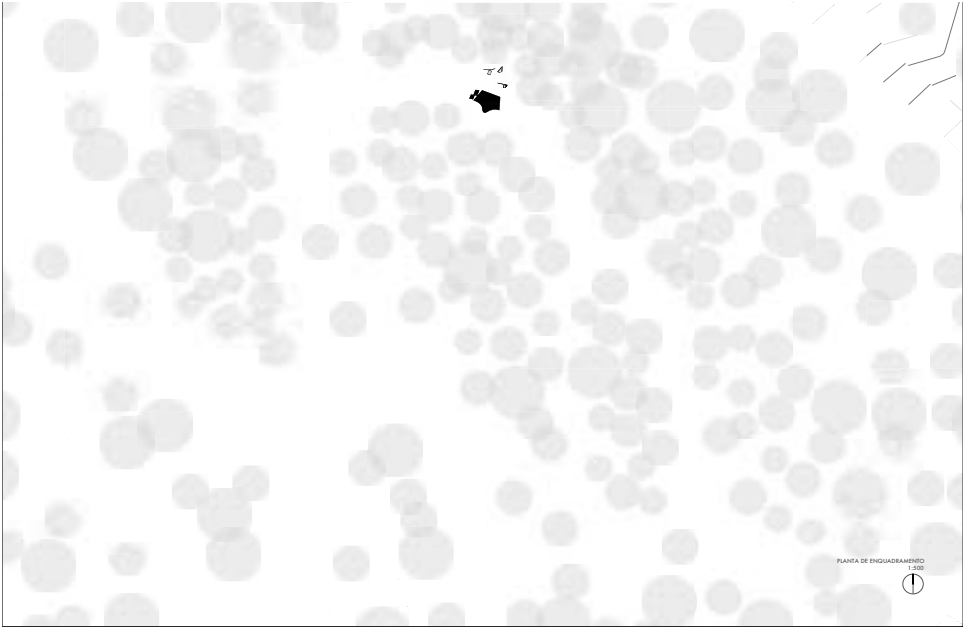


Cortes Verticais
1:100



Cortes Verticais
1:100

Estudo espacial inicial
Plantas e cortes da fase prévia,
contidas no paralelepípedo 6x6x3m





Arquitetura II

Enunciado do Projeto

Docentes

Gabriela Gonçalves

Patrícia Barbas

Luís Miguel Gomes

Mafalda Sampayo

Título do Projeto

Centro de Investigação

Área de Intervenção

Arriba Fóssil, Costa da Caparica

Na UC de Arquitetura II os alunos desenvolveram uma proposta para um Centro de Investigação da Paisagem da Arriba Fóssil, na Costa da Caparica, mais concretamente na descida do Cabedelo, nos Capuchos, considerando um percurso pedonal de acesso ao Centro de Investigação que faça a ligação entre a rede viária que confina com o sítio de intervenção e um programa base que inclua um Pátio de Entrada, receção, instalações sanitárias, um gabinete de investigação e uma pequena biblioteca sobre o território. O Centro deverá conter três Núcleos privilegiados (água, ar e terra) para desenvolvimentos da investigação.

Com o desenvolvimento deste trabalho pretende-se que os alunos adquiram ferramentas para a prática de uma leitura cuidada do local de intervenção, tanto nas suas características morfológicas, como poéticas, tendo por base, os seguintes objetivos de aprendizagem:

O reconhecimento e reconfiguração de um território real: distinção entre área de estudo e uma área de intervenção; relação entre a arquitetura e o lugar; diálogo entre as formas projetadas e as estruturas existentes na envolvente mais próxima; relação e continuidade do projeto com os acessos e percursos existentes e/ou a definir; e definição de uma estratégia projetual que contribua para a dinamização da área de estudo;

Manipulação dos sistemas primários que definem os objetos de Arquitetura: investigação sobre forma, materialidade, luz e espaço;

Reconhecimento das relações entre conceito e objeto arquitetónico;

Consolidação de um processo de investigação em arquitetura: experimentação de ferramentas gráficas bidimensionais e tridimensionais de suporte operativo de uma intervenção;

Consolidação da representação gráfica bidimensional e tridimensional, as relações entre realidade e representação.

A Fissura

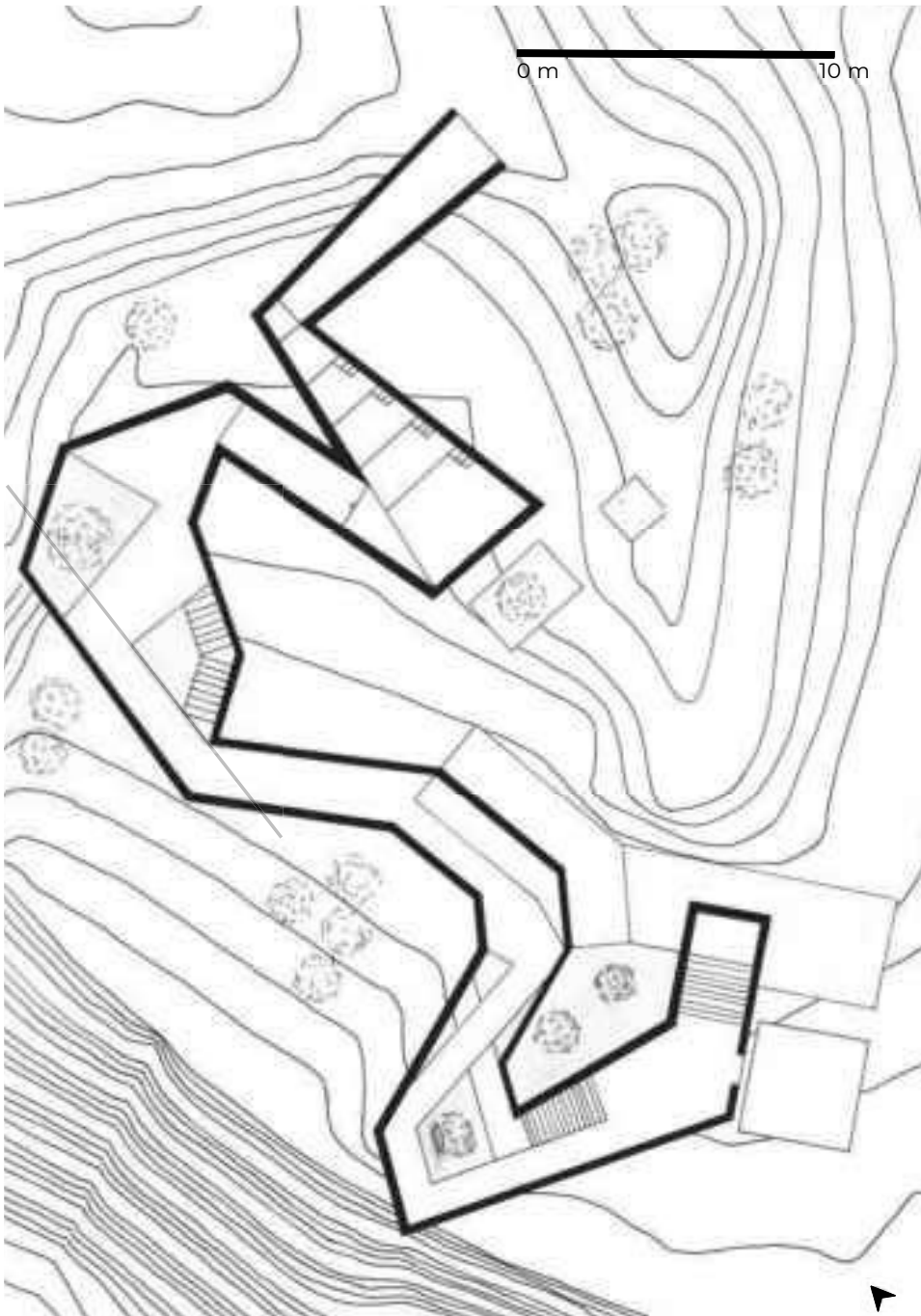
Inês Felizardo
Gabriela Gonçalves

O projeto em questão visa a criação de um Centro de Investigação da Paisagem da Arriba Fóssil através da exploração da ideia de fissura.

Em termos programáticos inclui três núcleos principais: da água, do ar e da terra. Conta também com espaços de apoio aos mesmos, como a biblioteca, uma sala de investigação, a receção e instalações sanitárias.

A essência deste projeto culmina na perceção da fissura como elemento catalisador de vida, e no modo como estas se podem revelar elementos curiosamente interessantes para a organização e vivência de um espaço.

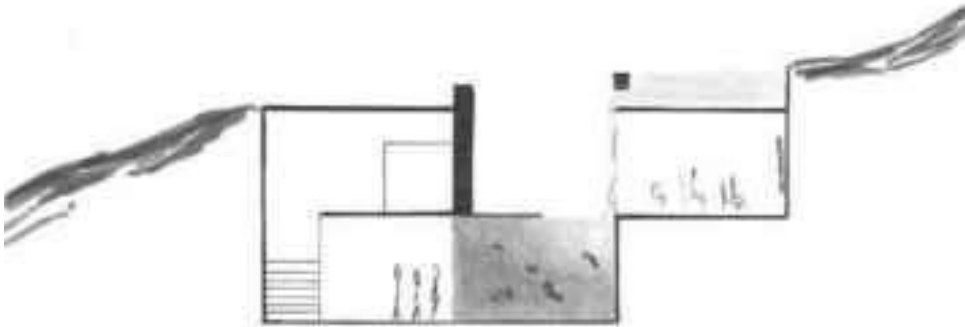
Os três núcleos pretendem proporcionar uma experiência de contacto direto com elementos naturais. A navegação do espaço é feita de forma linear, de modo que o visitante seja conduzido a percorrer os núcleos principais. Ao decorrer deste percurso, é proporcionada a permanência nos diversos espaços, de modos distintos, através da utilização de diferentes cotas para a dinamização dos espaços.



Planta de Cobertura



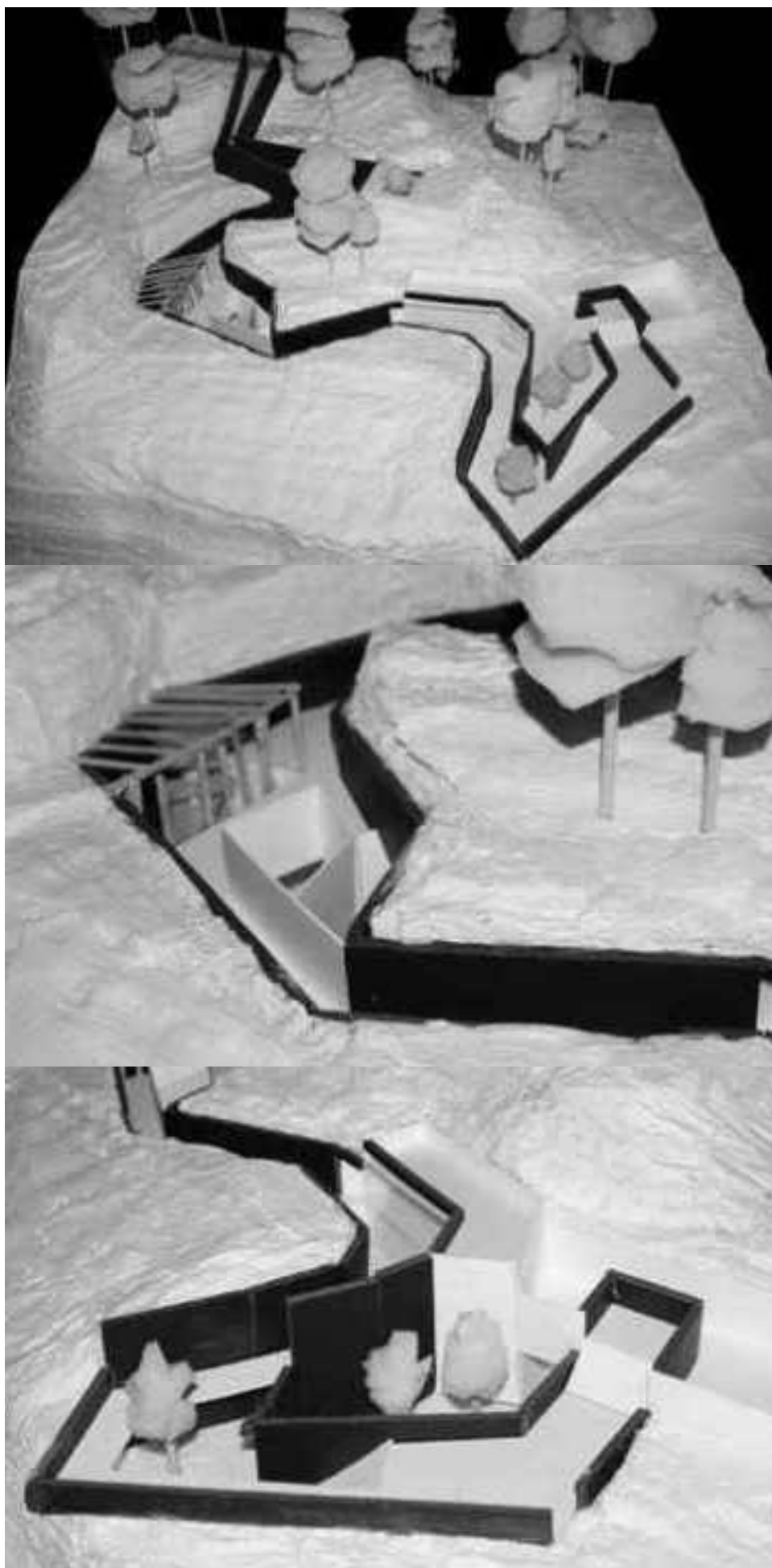
Núcleo do Ar



Núcleo da Água



Núcleo da Terra



Fotografias da Maqueta

Arquitetura III

Enunciado do Projeto

Docentes

Teresa Madeira

Mónica Pacheco

Título do Projeto

Casa da Escola

Área de Intervenção

Tapada das Necessidades, Lisboa

Na sequência do estudo realizado sobre a Tapada das Necessidades, foi pedido aos alunos a conceção do novo Jardim de Infância Fernanda de Castro, considerando a necessidade de readequação das atuais instalações, da autoria do arquiteto Jorge Segurado. A proposta, a desenvolver em grupos de dois alunos, deverá refletir sobre os princípios básicos do Programa Municipal Escola de Futuro - programa de aumento e requalificação da rede escolar do 1.º ciclo e educação pré-escolar. Este, informado pelos valores da Nova Bauhaus Europeia – uma iniciativa da Comissão Europeia que pretende posicionar a cultura e a criatividade no centro do Pacto Ecológico Europeu – assente nos valores da sustentabilidade ambiental, estética e inclusão, desafia a imaginar como poderá e deverá Lisboa protagonizar esta transição para novos tempos. A escola destina-se a um universo máximo de 75 crianças em idade pré-escolar distribuídas em 3 grupos de cerca de 25 crianças por sala. O conjunto, resultado de um processo de investigação conceptual e interpretação criativa de um programa público, em estreita relação com o espaço de uma tapada, deverá demonstrar a compreensão de que a arquitetura constrói e transforma a paisagem, explorando e ensaiando intenções de ordem espacial e material (luz, sombra, escala, cor, relação entre interior/exterior, percursos, limites e fronteiras, sequencias espaciais, materialidade, etc). O exercício deve ainda constituir-se enquanto reflexão sobre a relação entre estrutura e composição; hierarquia e diversidade, lógica construtiva vs lógica constitutiva. Deverá ser dada especial atenção à implantação e articulação dos volumes propostos, tomando em consideração a caracterização topográfica do local, a sua exposição solar, a sua relação com a envolvente próxima e perspetiva, nomeadamente o enquadramento próximo. A entrega deverá ser feita através de um Objeto Síntese do trabalho final, objeto que servirá de portefólio e incluirá os elementos gráficos bidimensionais e tridimensionais mais relevantes, sendo concebido para transportar e expor o trabalho no final do semestre. Como referência aponta-se a obra de Marcel Duchamp, “La Boîte-en-valise”.

Caminho Amarelo

Maria Rita Pereira | Miguel Martins

Mónica Pacheco

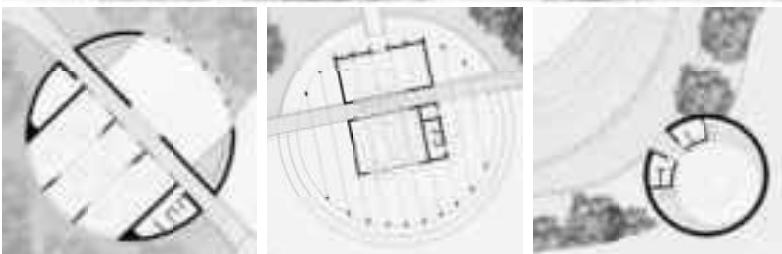
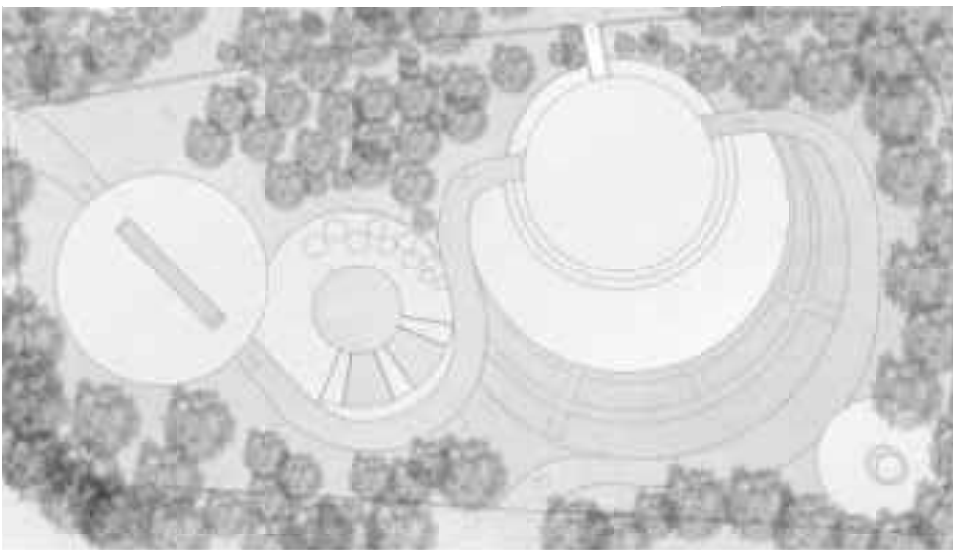
Um dos elementos presentes na Tapada das Necessidades é uma escola, que leva à origem do nosso projeto.

A nossa ideia de escola é um espaço onde as crianças têm a oportunidade de aprender através da experiência e da exploração, tendo liberdade de conhecimento pessoal, social e do ambiente em redor, desenvolvendo assim o sentido de independência, autonomia e responsabilidade, de forma a proporcionar espaços que criem ambientes colaborativos, adaptativos e inclusivos. Deste modo, o nosso projeto procura relacionar-se com a natureza através das ligações visuais, criando espaços cobertos e descobertos. Porporcionaram-se espaços de aprendizagem versáteis, desde salas que podem fundir-se, espaços de cozinha acessíveis e uma horta. Ao longo da área de intervenção surge um percurso: o caminho amarelo. Este é inspirado na “estrada de tijolo amarelo” d’O Feiticeiro de Oz e pretende guiar as crianças pela sua própria aventura, levando-as a crescer e aprender. Os espaços, organizados em três pavilhões, são momentos de paragem ao longo do percurso, assemelhando-se a pequenos reinos num mundo de fantasia. O projeto inclui duas entradas: uma mais a norte e a outra a sul. Entrando a sul, o primeiro pavilhão encontrado é o Núcleo do Saber. Aqui encontram-se o gabinete de administração, as salas de aula e instalações sanitárias à direita e o recreio coberto à esquerda, tendo acesso direto ao recreio descoberto. Seguindo o caminho chega-se ao Núcleo do Sabor, onde a cozinha e o refeitório se alinham, criando corredores com portas pivotantes. Embora as crianças tenham a oportunidade de explorar a cozinha, o acesso à parte esquerda do núcleo é reduzida. Para além do refeitório, à direita encontram-se um recreio coberto, um descoberto e uma horta que as crianças podem frequentar após as refeições. O último espaço, o Núcleo do Ser, é dedicado ao movimento e à imaginação. Aqui encontra-se uma sala polivalente inspirada nos anfiteatros, podendo ser utilizada como ginásio ou como espaço de apresentações, teatros e convívios abertos às famílias, localizando-se este perto da entrada norte da escola.

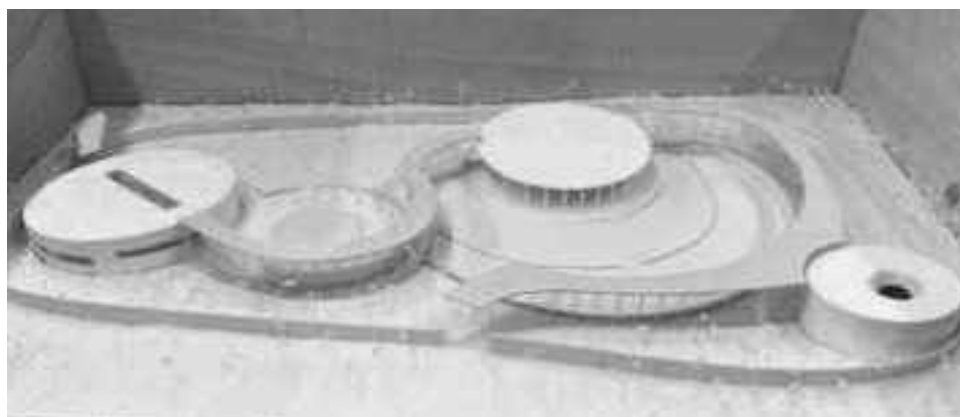
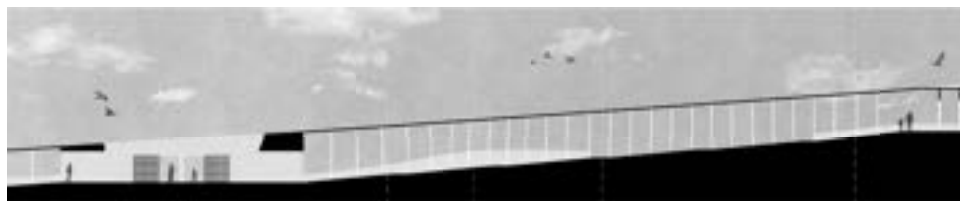


"Goodbye Yellow Brick Road"
Elton John

Planta de localização



Planta de implantação



Maquete



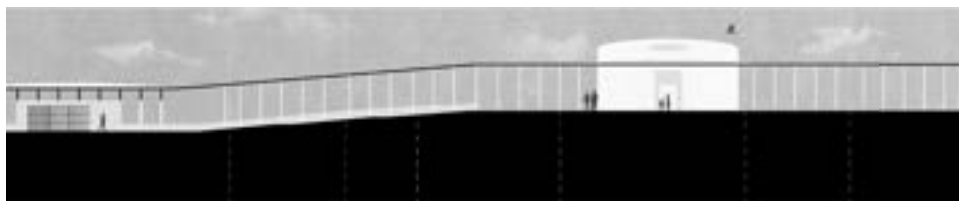
Núcleo do Saber - exterior



Núcleo do Sabor - exterior



Núcleo do Ser - exterior



Corte do caminho amarelo



Maquete



Núcleo do Saber - interior



Núcleo do Sabor - interior



Núcleo do Ser - interior

Arquitetura IV

Enunciado do Projeto

Docentes

José Luís Saldanha

Mónica Pacheco

Título do Projeto

Sala de Espetáculos no Senhor Roubado

Área de Intervenção

Senhor Roubado, Odivelas

All the world's a stage, and all the men and women merely players. They have their exits and their entrances; And one man in his time plays many parts.

William Shakespeare, As You Like It, Ato 2, Cena 7

No quadro da colaboração entre a Camara Municipal de Odivelas e o ISCTE – em que o Instituto Universitário está a finalizar uma Residência de Estudantes, em edifícios anexos ao Mosteiro de São Dinis – será realizado o exercício de Arquitectura IV, para um auditório/sala de espetáculos no Senhor Roubado. Este local estratégico, marcado pelo padrão setecentista, hoje limite entre os dois municípios, no início da portela que sobe ao Lumiar, sobre a qual a Calçada de Carriche foi lançada. E, assim, porta de entrada no território odivelense.

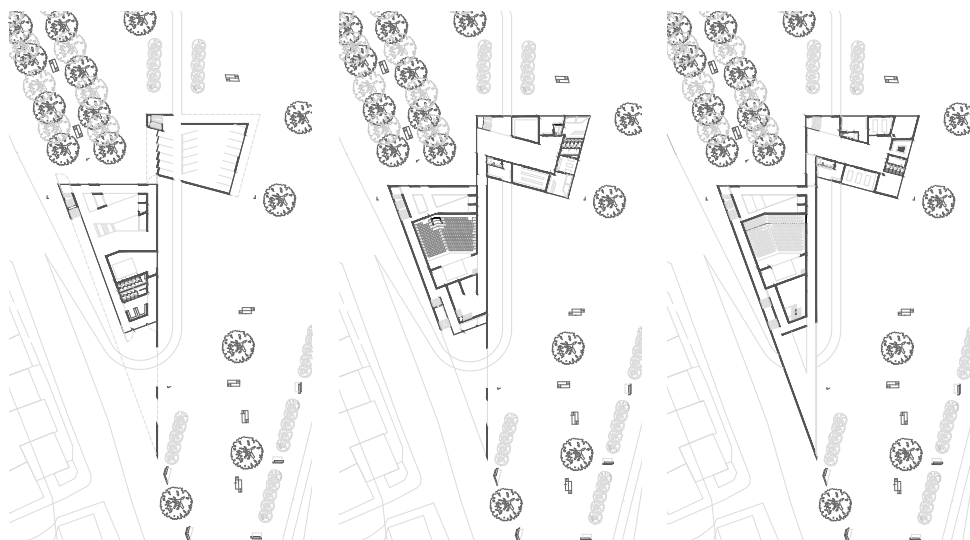
Pretende-se que sejam possíveis as seguintes manifestações artísticas e eventos:

Teatro/ teatro musical; Stand Up; Concertos de Bandas Sinfónicas, Orquestras, Bandas de diversos estilos e Grupos corais; Dança Contemporânea, FIT Dance, Salsa, Breakdance, Zumba, Jazz, entre outros estilos; Cinema; Congressos e Palestras.

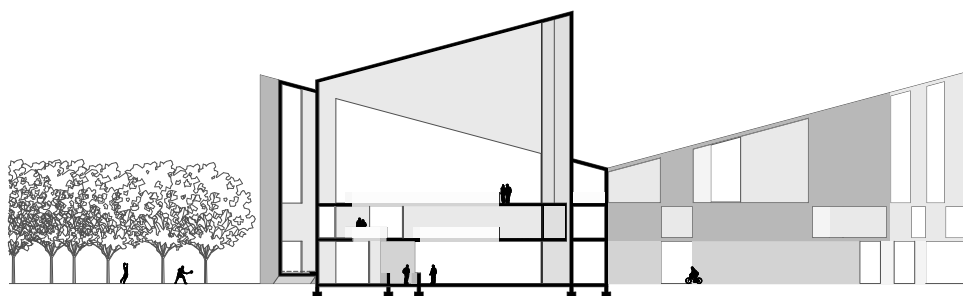
O auditório e seus espaços de apoio devem garantir fácil circulação do público, com zonas e circulações restritas a equipa técnica e artistas. Os estudantes da UC organizam-se em grupos de dois, selecionando um local para situar o equipamento proposto, articulado com percursos de acessos ao Centro Cultural da Malaposta, a estação do metropolitano e trânsito automóvel envolvendo o local.

Life's but a walking shadow,
A poor player that struts and frets his hour upon the stage,
and then is heard no more: It is a tale told by an idiot, full
of sound and fury, signifying nothing.

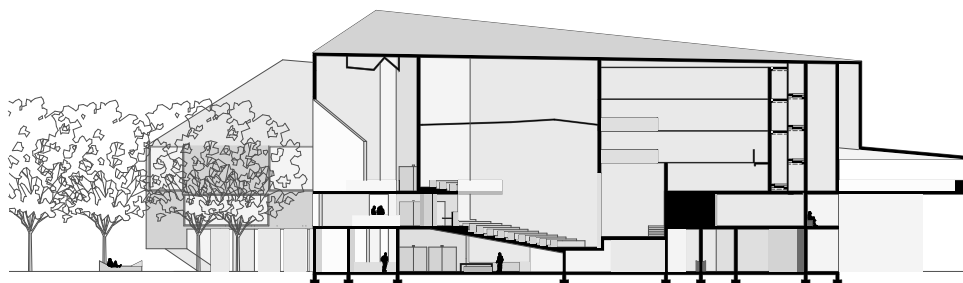
William Shakespeare, Macbeth, Ato 5, Cena 5



Planta do Piso Térreo
Planta do Piso 1
Planta do Piso 2

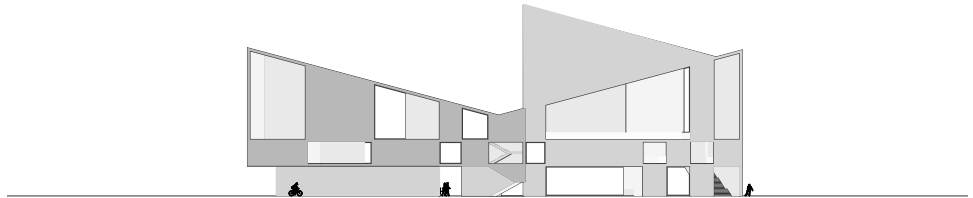


Corte do Foyer

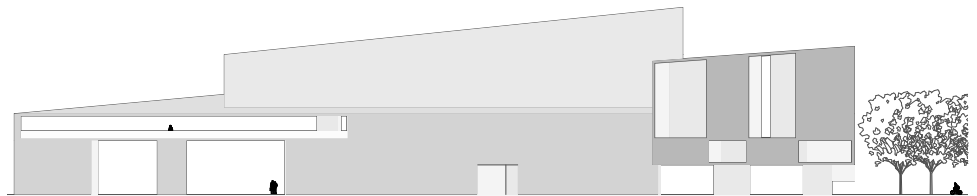


Corte do Palco

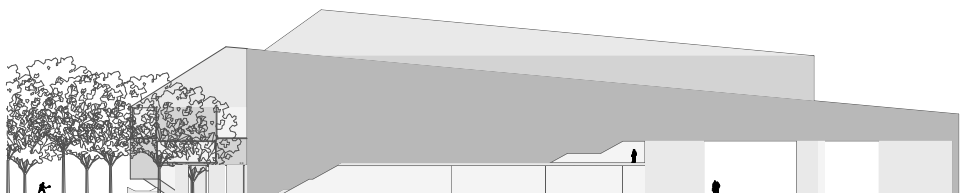
Alçado Norte

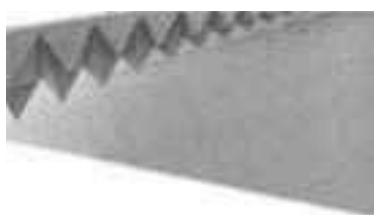
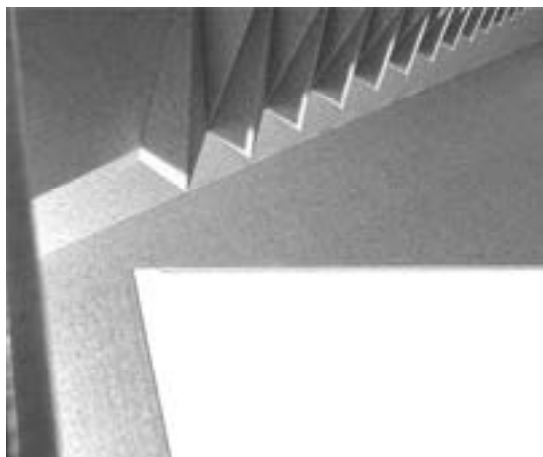


Alçado Este



Alçado Oeste





Maquete do Foyer



Maquete da Sala de Espetáculos

Arquitetura V

Enunciado do Projeto

Docentes

João Trindade

Pedro Mendes

Título do Projeto

A nossa casa-atelier

Área de Intervenção

Príncipe Real, Lisboa

“(…) as casas, o “nosso canto do mundo, (…) o nosso primeiro universo.”

Gaston Bachelard, La poétique de l'espace, 1958

Toda a arquitectura é pública.
Paulo Mendes da Rocha

As Unidades Curriculares de Arquitectura do 3º ano assentam sobre o tema da habitação, propondo uma abordagem crítica sobre as relações cidade/casa e permanência/mudança dos modos de habitar. No primeiro semestre é proposto um exercício de projeto para uma casa, em Lisboa.

Pretende-se:

- Aprofundar a capacidade de domínio e imaginação concreta do que se projeta;
- Reconhecer que os limites do projeto são sempre mais latos do que os limites do objeto projetado.
- Refletir sobre a condição urbana do habitar, através da crítica da experiência própria quotidiana, do estudo e do projeto;
- Consolidar o trabalho de arquitetura enquanto gestão de possibilidades, identificando as circunstâncias e as condicionantes, não como obstáculos, mas sim como dados e estímulos do projeto.

Local de intervenção

Um lote vazio com duas frentes, uma para a Rua de O Século (Poente) e a outra voltada a Nascente para o Alto do Longo.

Programa

Habitação própria e espaço de trabalho para o grupo de três estudantes formado para a realização do exercício.

Casa-atelier

Karolina Wykowska | Manuel Figueiredo | Pedro Brites

João Maria Ventura Trindade

O Alto do Longo, situado na zona mais elevada do Bairro Alto, é um recanto discreto no tecido urbano, lembrando “interior de quarteirão” que, pela sua escala modesta e ambiente informal, evoca a atmosfera de uma pequena aldeia embutida no coração de Lisboa. É neste contexto particular que dois lotes vazios acolhem o projeto de uma casa-atelier, cuja conceção se inspira numa das estruturas mais emblemáticas da área: o aqueduto.

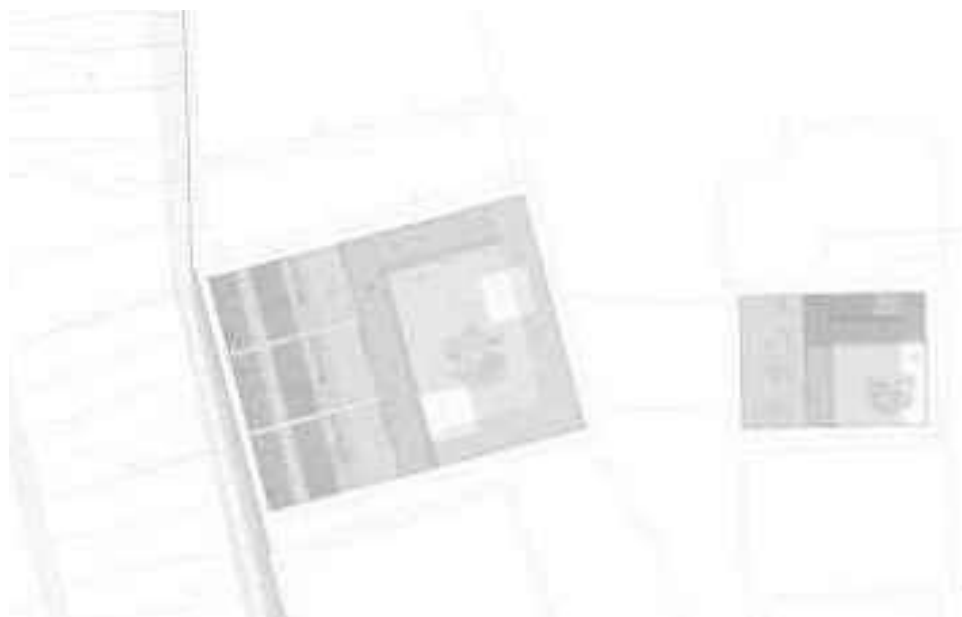
Embora frequentemente subterrâneo neste sector da cidade, o aqueduto permanece uma presença monumental e silenciosa, revelando-se pontualmente como elemento capaz de modelar a topografia e gerar espaços públicos distintivos. Seguindo essa lógica, o programa da casa-atelier desenvolve-se abaixo da cota do Alto do Longo, permanecendo parcialmente oculto no terreno. A sua cobertura, tratada como uma extensão do espaço público, funciona sum espaço de convivência, contribuindo para dinamizar a área e oferecer à comunidade um espaço qualificado, articulado com a memória e a morfologia do lugar.



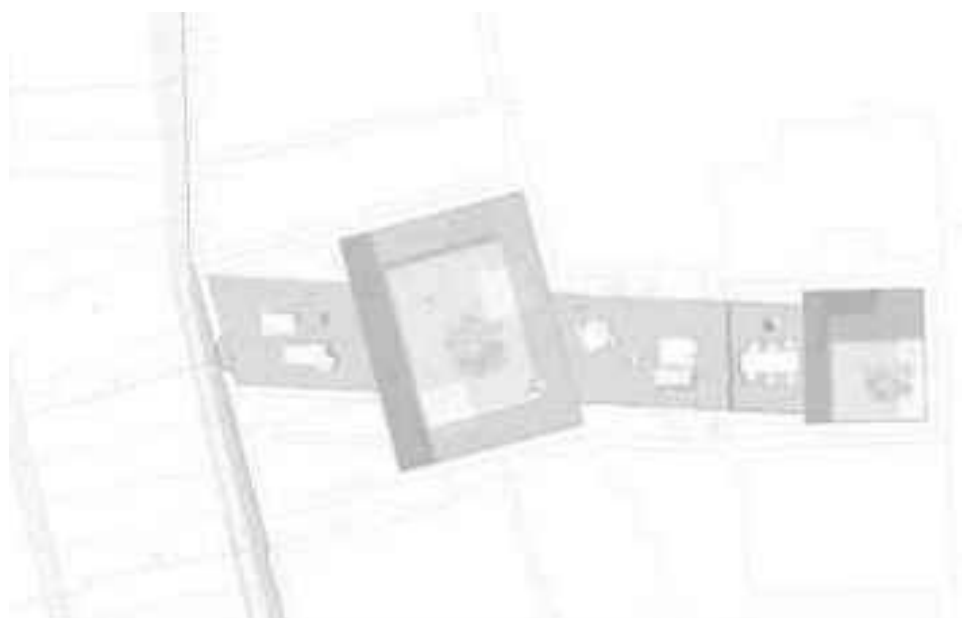
Planta do local de intervenção



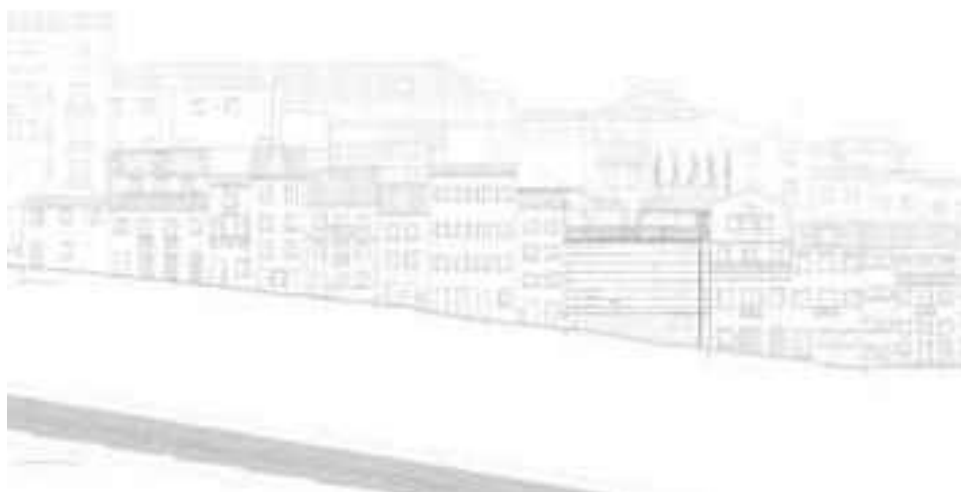
Planta piso 0



Planta piso -1



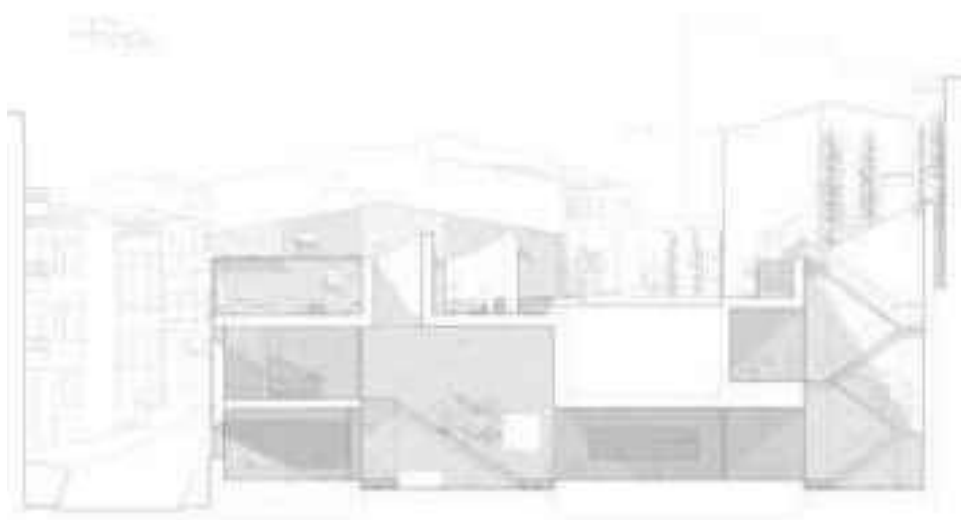
Planta piso -2



Alçado Rua de O Século



Alçado Alto do Longo



Corte

Arquitetura VI

Enunciado do Projeto

Docentes

João Trindade

Pedro Mendes

Título do Projeto

Habitação Coletiva

Área de Intervenção

Lisboa, Portugal

Antes de projetar qualquer coisa deveríamos tentar compreender as complexidades de uma dada situação, farejá-la como um cão, observá-la como uma águia, senti-la como um morcego. Metade da intervenção está escondida na investigação imaginativa e nos registos extensivos sobre os vestígios dos diferentes tempos da história do sítio. É essencial trabalhar com o que lá está.

Florian Beigel, 2000

Tal como as paredes, as colunas, etc., são os elementos com que se fazem os edifícios, os edifícios são os elementos com que se fazem as cidades.

Jean-Nicolas-Louis Durand, 1803

As Unidades Curriculares de Arquitectura do 3º ano propõem uma abordagem crítica aos temas da habitação, assentando numa reflexão sobre a história e as transformações dos modos de habitar e a sua relação com a cidade. No segundo semestre, é proposto um exercício de projeto para habitação coletiva na cidade de Lisboa.

Pretende-se:

- Aprofundar a capacidade de domínio concreto e responsável do projetado, associada ao ato de projetar.
- Continuar a construir um pensamento crítico perante a arquitetura e a sua história, incidindo sobre a relação entre a habitação coletiva e a cidade.
- Reconhecer a habitação coletiva em ambiente urbano como um sistema, passível de repetição e sobreposição.
- Consolidar a capacidade de comunicar e expressar um projeto e as opções em que ele assenta.

O exercício será desenvolvido numa área compreendida entre a Tv. Conde Sor, Rua da Rosa, Rua de O Século e Rua Dom Pedro V.

Deverá ser considerada uma área de estudo alargada, centrando-se a intervenção no remate do edificado existente, no quadrante Sudeste (Rua da Rosa, Rua São Boaventura, Tv. Conde de Sor e Pátio do Tijolo).

Considerando a leitura crítica da área envolvente e a sua integração, cada estudante deverá desenvolver um programa misto de habitação coletiva, comércio e serviços, que deverá considerar a articulação com o espaço público e ruas existentes, entendidos como espaço comum a todos os usos e habitantes. O desenvolvimento da proposta deverá considerar as relações com o edificado e os espaços vazios existentes.

Cada aluno deverá desenvolver uma das tipologias de habitação do trabalho de projeto, à escala 1/50.

O sistema construtivo e a constituição material do projeto deverão ser abordados e desenvolvidos, de acordo com os princípios do projeto desenvolvido em grupo.

Jardim para um Palácio

Gabriel Pousada | Rita Jesus | Tiago Adónis | Ifigeneia Pediaditaki

João Maria Ventura Trindade

A estratégia proposta tem como base o contexto existencial que é composto principalmente pelo Palácio Braamcamp Freire e pela geometria complexa da antiga litografia de Portugal, que por sua vez tinha sido formada pelo a estrutura industrial existente no interior de quarteirão, que criava ali uma gestão de hierarquias complicada, portanto a decisão tomada que tornou o projeto num desafio ainda maior, foi estabelecer que a cota mais alta do edifício não ultrapassava os 5 metros de altura, pois coincidia com a cota da janela da fachada anterior do Palácio, que por sua vez daria para um jardim na cobertura do nosso edifício, uma cobertura ajardinada com o objetivo de dar uma cointinuidade a história dos jardins oitocentistas que habiavam a frente elegante do Palácio. E por consequência da estratégia empregue, tínhamos como seguinte objetivo estudar a malha urbana da envolvente, onde poderíamos encontrar exemplos semelhantes com base naquilo que tinha sido a nossa análise do local. Que edifícios teriam este tipo de morfologia? com a capacidade de abrigar um grande número de pessoas e ao mesmo tempo resguardar e oferecer privacidade aos mesmos que nele habitam. Para nós a resposta era bastante clara, a partir das cartografias e plantas deduzimos que os conventos mais próximos da nossa área de intervenção (São Pedro de Alcântara e Cardaes) eram referências importântíssimas da maneira como conseguiram barrar o exterior (principalmente por razões de defesa por estarem fora da cerca Fernandina) de forma a abrir o claustro para um grande pátio, onde muitas das vezes se encontrava um jardim, um espaço de contemplação e repouso. Bandeiras da nossa proposta, um Convento também é habitação colectiva.



Jardim para um Palácio- Colagem



Morfologias conventuais- planta de análise dos conventos na zona do bairro alto com implantação- 1_2000



Planta de cobertura- Quarteirão e envolvente 1_500



Planta do piso Térreo 1_100



Alçado este 1_100



Corte transversal 1_100



Corte longitudinal 1_100

Projeto de Arquitetura I

Enunciado do Projeto

Docentes

Alexandra Paio

Paulo Tormenta Pinto

Pedro Pinto

Título do Projeto

A cultura tectónica e o regresso aos fundamentos disciplinares da arquitetura

Área de Intervenção

Santarém, Portugal

Lisboa, Portugal

A atual crise climática vem interpelar o discurso arquitetónico para um regresso aos fundamentos da disciplina.

A pressão urbanística das últimas décadas, associada aos riscos dos eventos naturais extremos, provocados pelas alterações climáticas, vem trazer para cima da mesa os receios sobre a resiliência dos modelos urbanos e edificatórios que têm vindo a ser seguidos. A conciliação dos modos de vida, com as transições provocados pelas alterações climáticas, implicam necessariamente um aprofundamento sobre o posicionamento disciplinar da arquitetura, que radique na sua dimensão construtiva e tectónica.

O desafio que se coloca é como conseguirá enfrentar estas contingências no espectro de uma modernidade que, necessariamente terá de continuar a ser reinventada como processo coletivo e simbiótico para com o planeta.

Neste contexto são lançados dois exercícios que serão desenvolvidos por grupos de 2 alunos.

O primeiro trabalho, corresponde à intervenção num edifício de gaveto no bairro da Lapa em Lisboa. A última ocupação do edifício, acima do piso térreo, correspondeu a um equipamento pré-escolar.

O objetivo do exercício pressupõe o restabelecimento deste programa, ou seja, pretende-se que o edifício venha a ser dotado de espaços para o desenvolvimento de atividades educativas (incluindo áreas de refeições e de recreio) e espaços multiusos para o desenvolvimento de atividades da Junta de Freguesia da Estrela.

Tendo em conta o âmbito temático a desenvolver em PAI, a intervenção deverá explorar soluções construtivas, que pressuponham o reforço estrutural do edificado e a mitigação da sua vulnerabilidade sísmica. Neste estudo, não poderá ser usado o betão-

armado, devendo explorar-se outras tecnologias construtivas.

O segundo projeto a desenvolver corresponde a uma intervenção na Ribeira de Santarém, junto às margens do Tejo. Este núcleo urbano de fundação medieval, desenvolveu-se junto ao rio, segundo estrutura linear de ruas e quarteirões, tendo como base as atividades mercantis e piscatórias e a sua articulação com o planalto onde se desenvolveu a cidade de Santarém.

O trabalho a desenvolver em PAI pressupõe uma intervenção junto à praia fluvial da Ribeira de Santarém, com vista à criação de um centro náutico. Este programa irá somar-se a outros de carácter desportivo que têm vindo a ocupar esta área de vale.

Centro Náutico Santarém

Naylene Monteiro | Raquel Santos

Alexandra Paio

O projeto prevê a instalação de módulos flutuantes no Rio Tejo, concebidos para se ajustarem às variações naturais do nível da água e para servirem de apoio em situações excecionais, como episódios de cheia. Estes módulos, desenvolvidos segundo diferentes tipologias, articulam-se entre si para formar as várias áreas funcionais do centro náutico. A composição destinada aos caiaques integra espaços de armazenamento, zonas de apoio e balneários; a área do cais reúne uma pequena oficina e a plataforma de acostagem de embarcações; e as plataformas de pesca e observação permitem o contacto direto com a paisagem ribeirinha.

Junto a estas zonas desenvolve-se a composição de habitat, onde são instaladas plantas hidropónicas e espécies endémicas que contribuem para a filtragem da água e funcionam como abrigo para pequenos peixes e invertebrados, reforçando o equilíbrio ecológico do local. Integra-se ainda uma piscina natural filtrada por vegetação, proporcionando uma forma segura e diferenciada de usufruir do rio. O conjunto é complementado por um jardim comunitário flutuante, preparado para acolher atividades sociais, mercados ou pequenas iniciativas culturais.

No seu todo, o sistema modular cria um espaço contínuo e integrado, pensado para servir a população de Santarém e acolher visitantes, valorizando a relação da cidade com o Tejo e promovendo um uso qualificado e sustentável da frente ribeirinha.



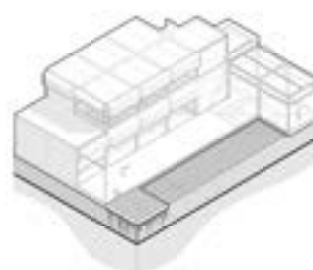
Rio Tejo



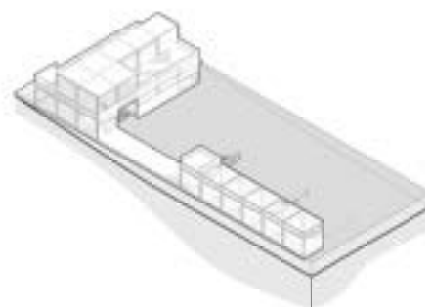
Planta de implantação



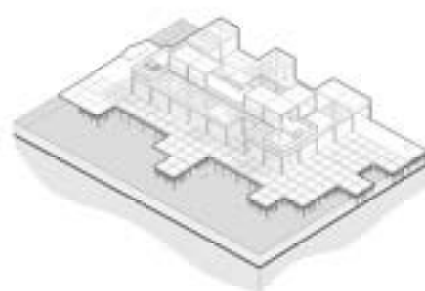
Isométrica da composição da piscina



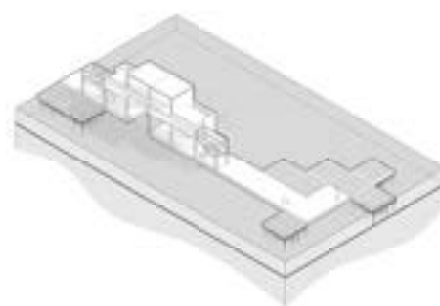
Isométrica da composição da área de caiaques



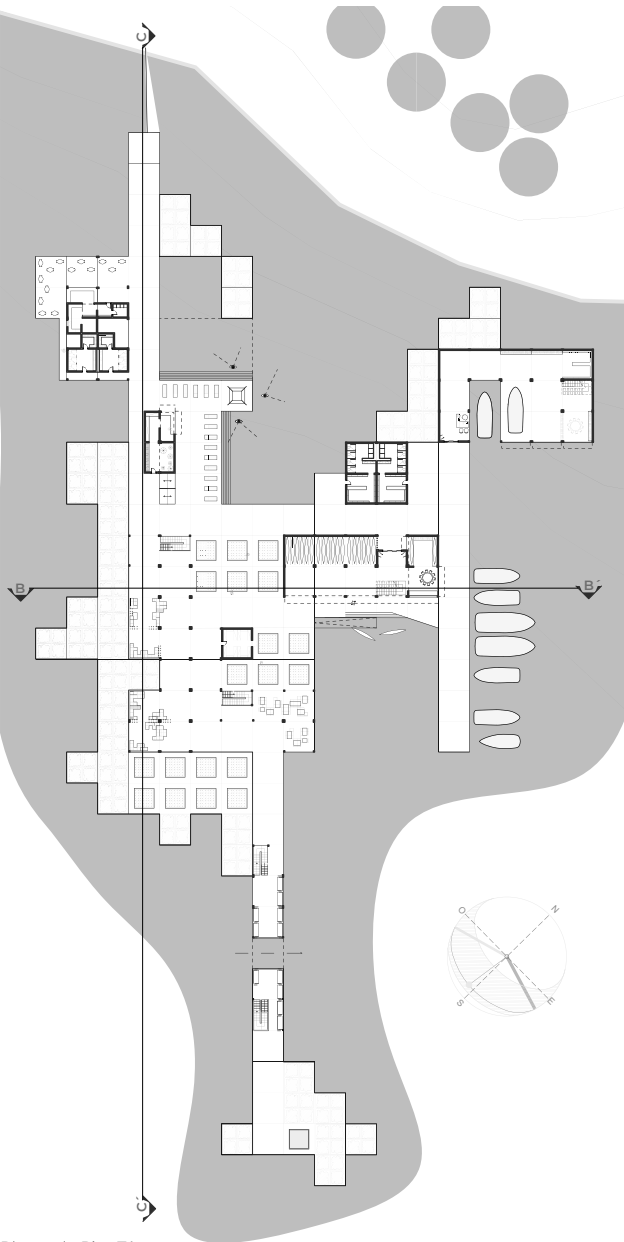
Isométrica da composição da doca



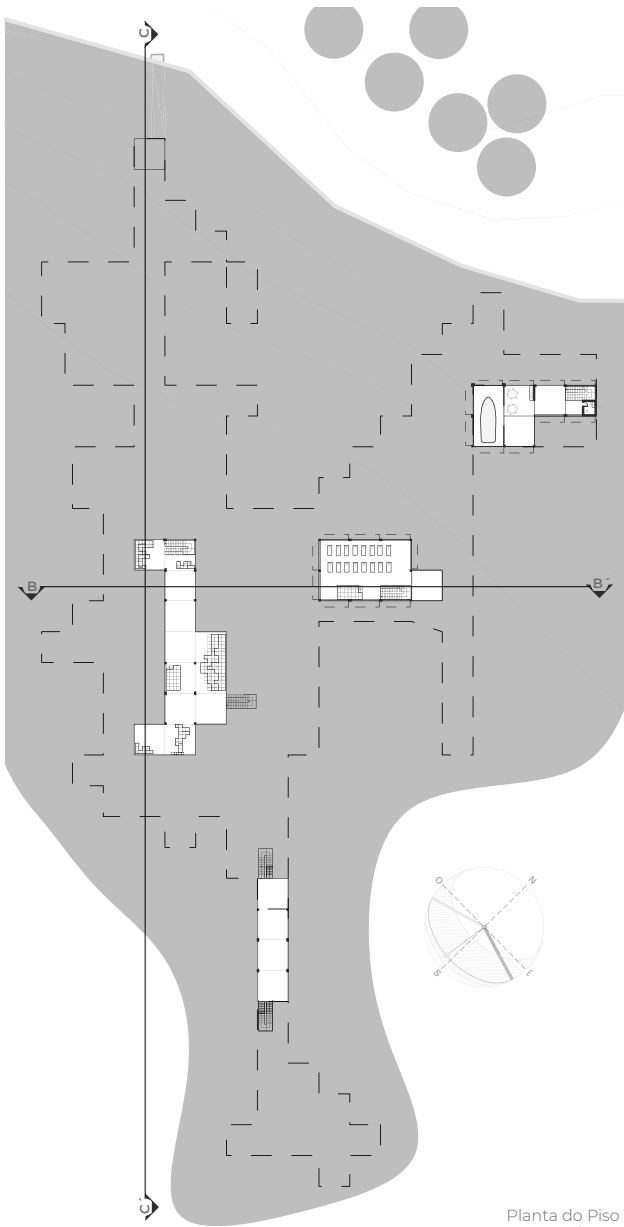
Isométrica da composição do jardim



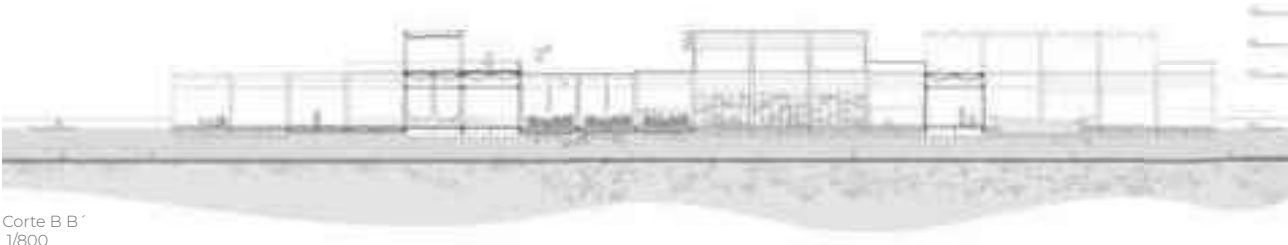
Isométrica da composição de pesca.



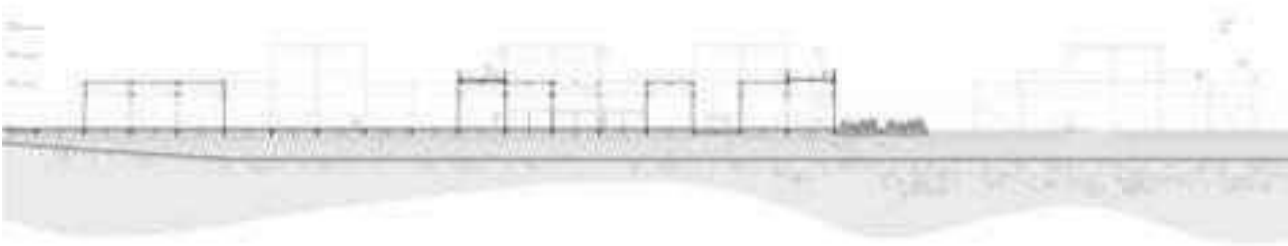
Planta do Piso Térreo
1/12 200



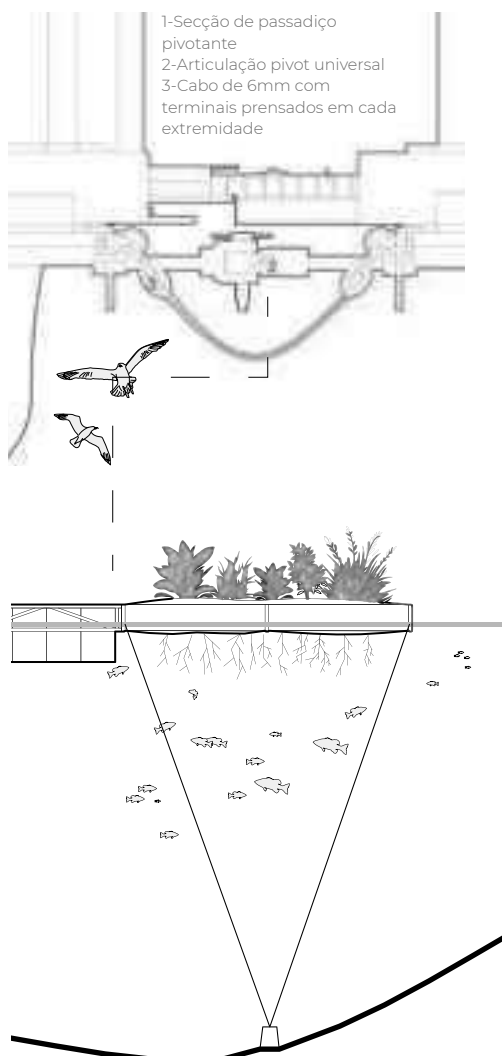
Planta do Piso 1
1/12 200



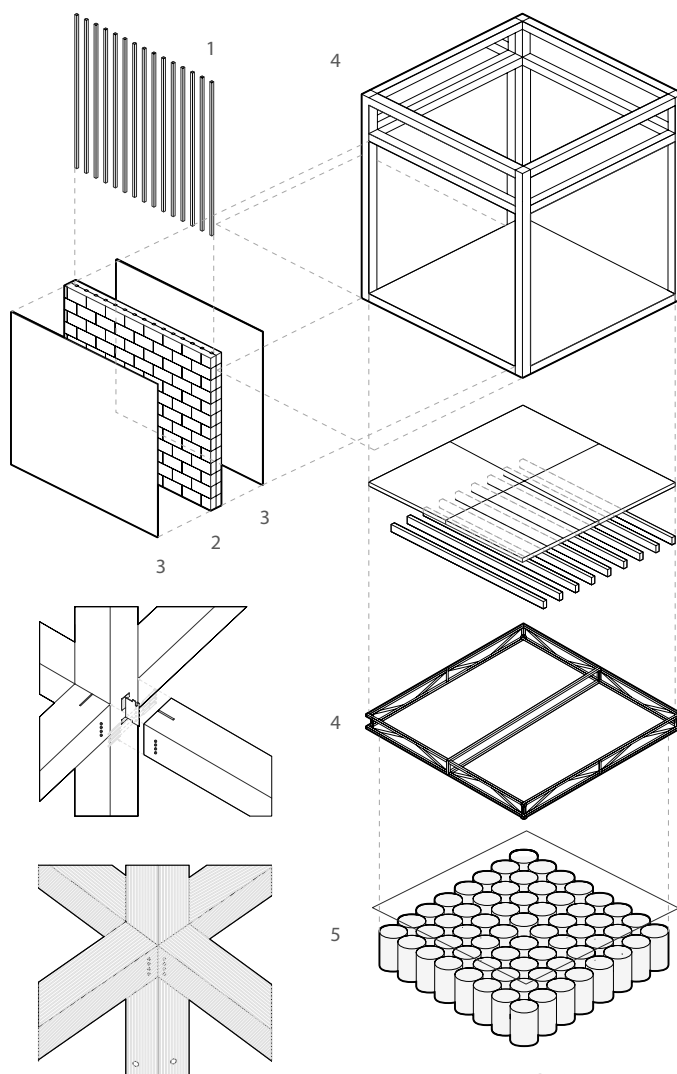
Corte B B'
1/800



Corte C C'
1/800



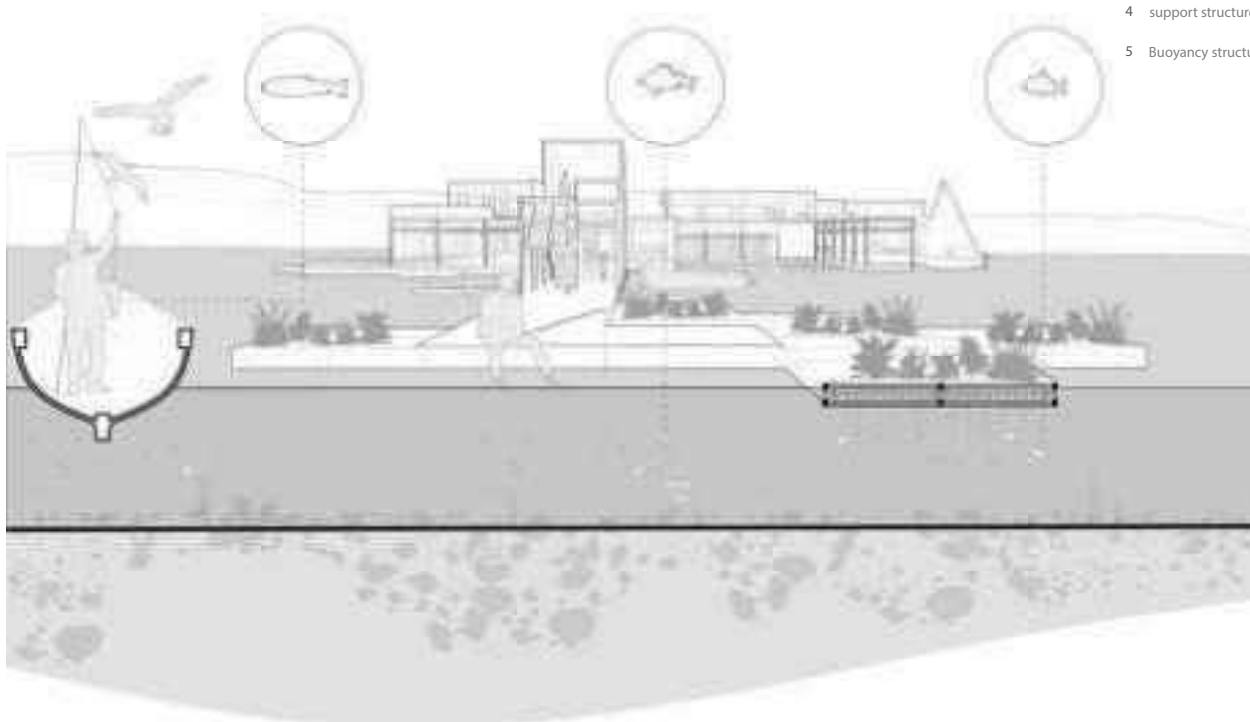
Estrutura de fixação temporária dos módulos flutuantes



Detalhes do sistema construtivo
1/40

Caption

- 1 Internal support
- 2 Hemp blocks
- 3 Natural lime
- 4 support structure
- 5 Buoyancy structure



Projeto de Arquitetura II

Enunciado do Projeto

Docentes

Alexandra Paio

Paulo Tormenta Pinto

Pedro Pinto

Título do Projeto

A cultura tectónica e o regresso aos fundamentos disciplinares da arquitetura

Área de Intervenção

Lisboa, Portugal

Guipúzcoa, Espanha

A atual crise climática vem interpelar o discurso arquitetónico para um regresso aos fundamentos da disciplina.

A pressão urbanística das últimas décadas, associada aos riscos dos eventos naturais extremos, provocados pelas alterações climáticas, vem trazer para cima da mesa os receios sobre a resiliência dos modelos urbanos e edificatórios que têm vindo a ser seguidos. A conciliação dos modos de vida, com as transições provocadas pelas alterações climáticas, implicam necessariamente um aprofundamento sobre o posicionamento disciplinar da arquitetura, que radique na sua dimensão construtiva e tectónica.

O desafio que se coloca é como conseguirá enfrentar estas contingências no espectro de uma modernidade que, necessariamente terá de continuar a ser reinventada como processo coletivo e simbiótico para com o planeta.

A partir deste contexto são propostos dois exercícios que serão desenvolvidos por grupos de 2 alunos.

O primeiro trabalho solicita aos alunos uma resposta ao enunciado do concurso para estudantes de arquitetura Pladur Universidades 2025.

Trata-se de projetar a adaptação de uma estrutura de suporte para plataforma de acesso e estacionamento ao Santuário Mariano de Nossa Senhora de Aránzazu, situado no município de Oñati, em Guipúzcoa, País Basco (Espanha), com o objetivo de aí edificar um equipamento para residências artísticas várias-disciplinares.

Pretende-se explorar soluções alinhadas com o problema apresentado pelo concurso, tendo ainda presente os temas desta UC: a renovação da cultura tectónica, face aos desafios epocais que presentemente se colocam. Ou seja, como e com que valores construir?

O segundo projeto corresponde ao desenvolvimento de uma proposta de regeneração urbana e espaço público, para uma frente de aproximadamente 2km entre Marvila e Beato, em Lisboa, designada como rota cultural do Caminho do Oriente.

Os projetos serão enquadrados pelo Concurso Reiventing Cities, da plataforma C40 Cities, patrocinado pela Câmara Municipal de Lisboa. Conforme refere a plataforma do concurso, os alunos “devem expandir os esforços de regeneração em Beato-Marvila, concentrando-se em nós específicos ao longo da rota cultural, do Caminho do Oriente e da doca do Poço do Bispo”, procurando “criar bairros verdes e prósperos, melhorar as condições da população de Beato-Marvila e promover a comunidade entre os recém-chegados, os sem-abrigo e os empresários”.

RE-DOCK

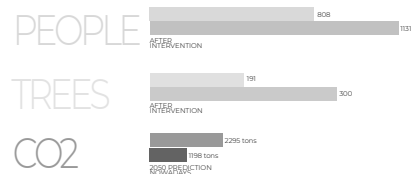
Beatriz Montês | Naylene Monteiro | Nuno Fernandes | Raquel Santos
Alexandra Paio

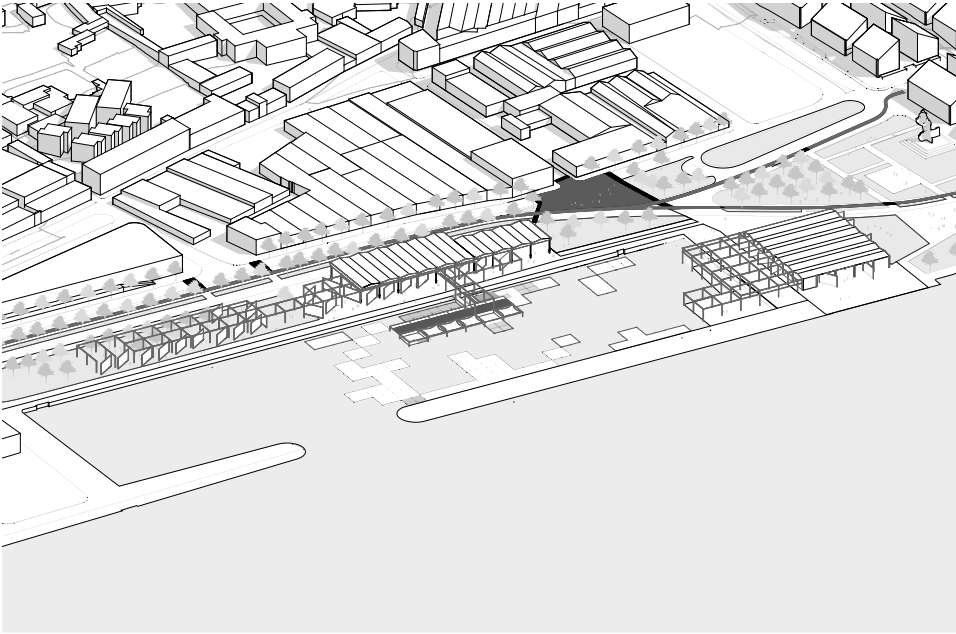
Marvila, once an industrial district, is now a territory in transformation. Along the banks of the Tagus, the Poço do Bispo Docks preserve the memory of a port related past and offer an important opportunity for renewal. The ReMarvila project was developed with the ambition to return this space to the city and its residents, establishing a harmonious and contemporary relationship between land and water.

The proposal is based on a light, ecological and community focused intervention. It introduces a natural pool supplied by a sustainable drainage system that filters and purifies naturally flowing water, forming a living cycle that respects the landscape and strengthens the environmental quality of the site. Here, the river becomes an invitation rather than a barrier.

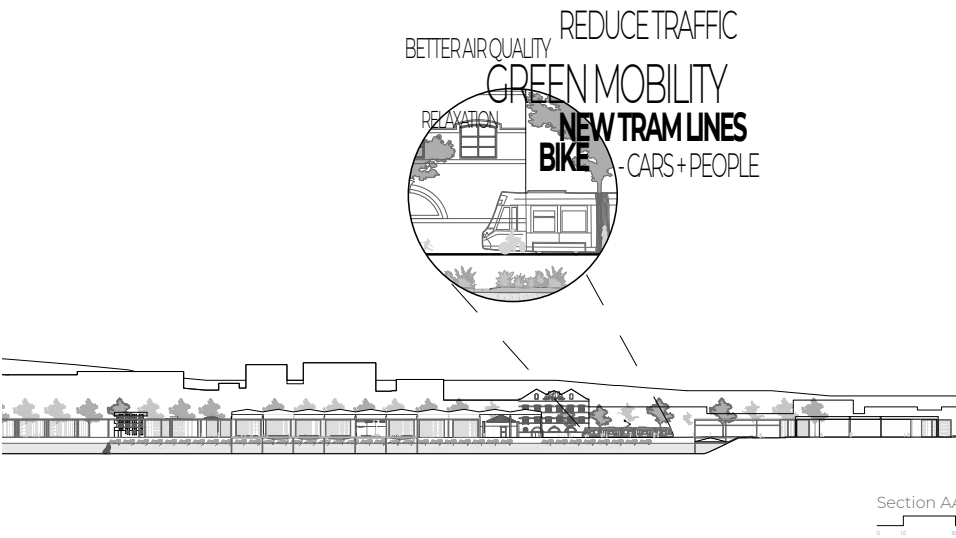
Existing buildings are reconnected with the city. The former inspection centre, which will be relocated, is transformed into facilities supporting water based activities. Another nearby structure becomes a camp kitchen and a communal meeting space. The carefully designed green areas provide shade and rest, support local flora that attracts biodiversity and offer a cooling refuge during hot periods. Rainwater is captured and filtered through rain gardens and green systems that reduce flood risk while nurturing the life of the space.

This area becomes a place of community, offering activities such as fishing, urban gardening and leisure by the water. It is more than a park and more than a swimming area. It is a place of encounter, memory and future, where water is a visible presence and not an obstacle, and where life along the Tagus is actively celebrated.

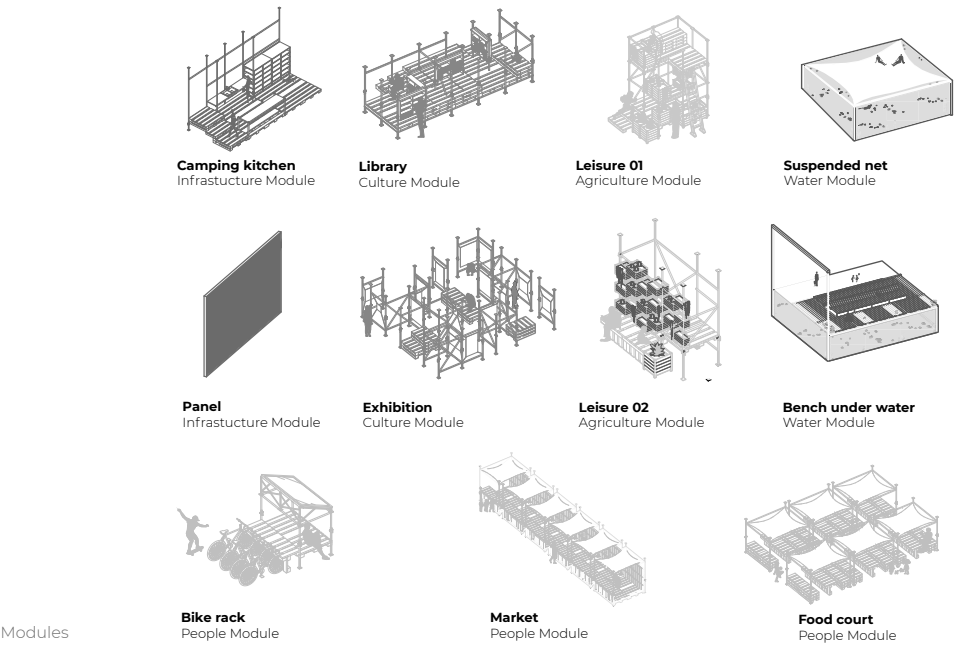
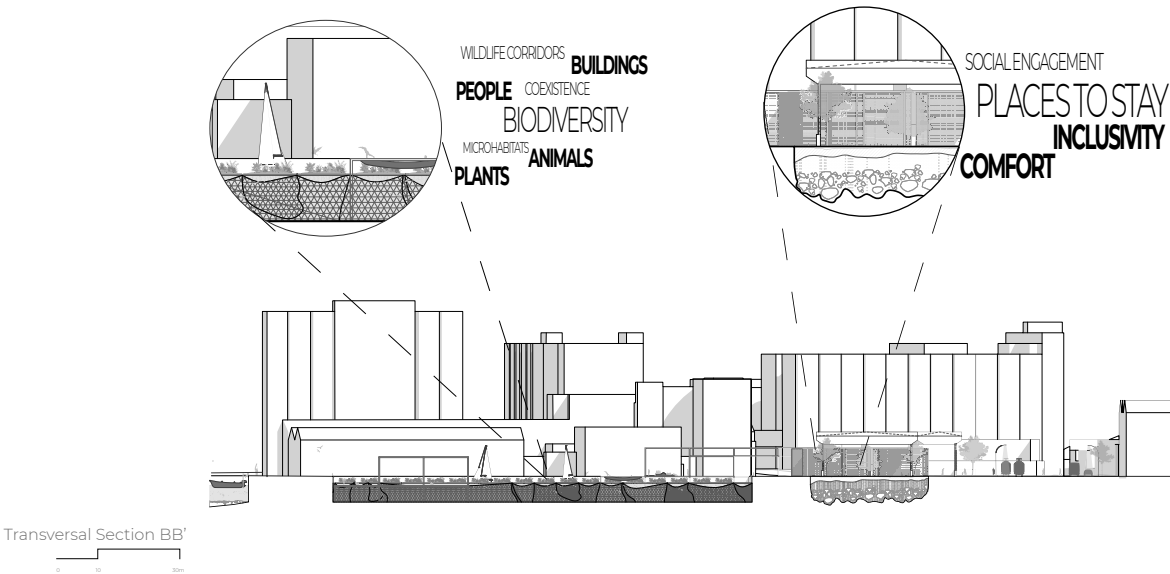


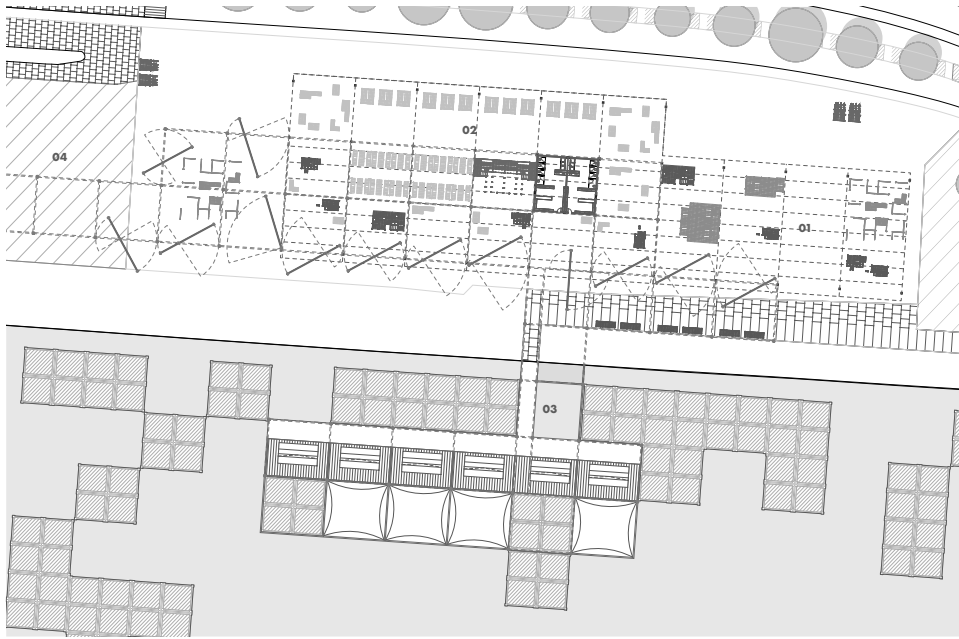


General Perspective



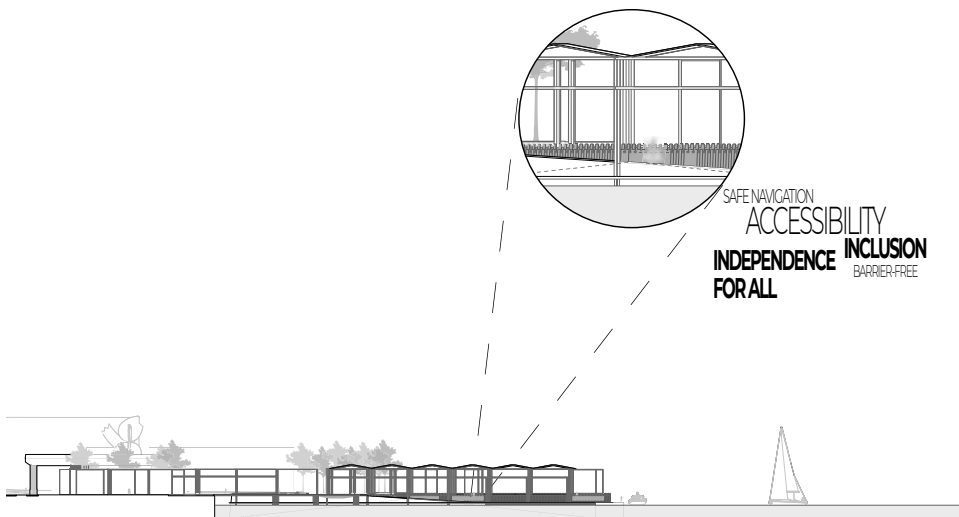
Render





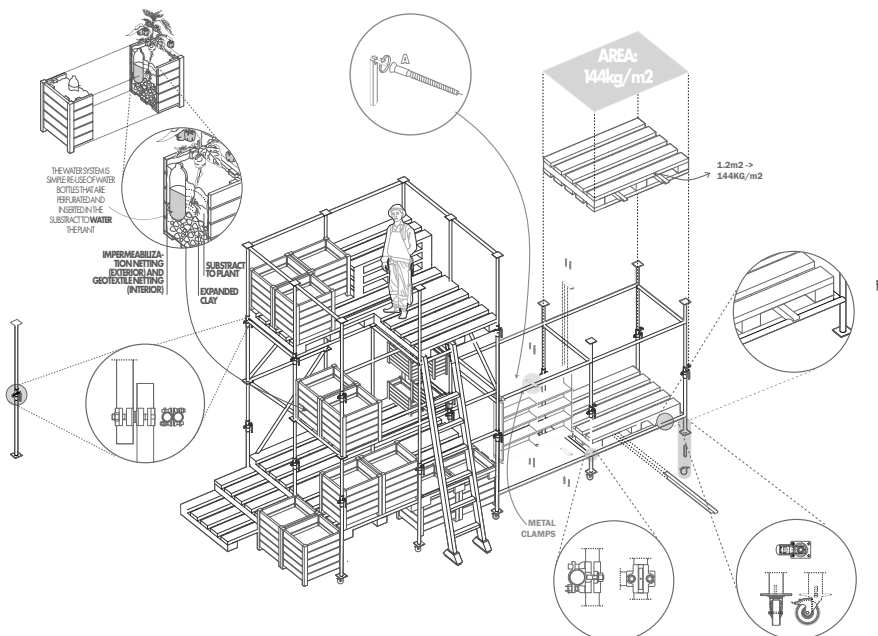
- 01 | Reading and exhibition area
- 02 | Market area
- 03 | Water area
- 04 | Service area

Building 02 plan



SAFE NAVIGATION
ACCESSIBILITY
INDEPENDENCE FOR ALL
INCLUSION
BARRIER FREE

Section CC'



Re-assemble

Projeto Final de Arquitetura

Enunciado do Projeto

Docentes

Luís Miguel Gomes

Teresa Rodeia

Título do Projeto

A Arquitetura Para Além da Pele

Área de Intervenção

Setúbal, Portugal

Na Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura, corolário do curso de Mestrado Integrado em Arquitetura, procura-se que os/as alunos/as desenvolvam um exercício de projeto que lhes permita uma abordagem crítica aos problemas da Arquitetura e da Cidade, síntese pessoal das diversas matérias e temáticas abordadas ao longo do curso. Neste sentido, e procurando uma aproximação à prática da profissão, o exercício propõe como base de trabalho repensar o objeto do “Concurso Público de Conceção para a Elaboração do projeto da Biblioteca Municipal de Setúbal”, lançado pela Câmara Municipal de Setúbal a 1 de fevereiro de 2013, com a localização prevista para o Largo José Afonso (marginal à Avenida Luísa Todi).

Não tendo sido o projeto, até hoje, construído, propõe-se nesta Unidade Curricular o seu relançamento em âmbito estritamente académico, com uma nova localização e com os devidos ajustes para uma Unidade Curricular de final de ciclo de estudos de Arquitetura.

Para o desenvolvimento do exercício propõe-se um terreno compreendido entre a Escola Básica Quinta de Marrocos, a Norte; Rua Fernanda Botelho, a Oeste; Escola Superior de Música de Lisboa e Escola Superior de Educação de Lisboa, a Sul; escola Secundária José Gomes Ferreira e Refeitório do Agrupamento de Escolas de Benfica, a Este. O terreno pertence atualmente ao Instituto Politécnico de Lisboa e tem cerca de 10.500 m².

Sendo esta uma UC de finalização do ciclo de estudos de Arquitetura, pretende-se:

- Desenvolver o olhar crítico sobre a arquitetura, tanto através da sua observação/experiência direta como, na ausência do objeto de estudo, através da análise das suas representações (casos de estudo);
- Consolidar criticamente a formação de um

património comum de exemplos incontornáveis da arquitetura;

- Aprofundar a capacidade de domínio concreto e responsável do projetado, associada à especulação no ato de projetar, consolidando o método de tentativa/erro e a utilização das diversas ferramentas de desenvolvimento e de representação do projeto;
- Criar condições para que cada aluno/a possa, no último exercício do curso, propor a sua própria síntese das matérias e práticas aprendidas ao longo do seu percurso académico e pessoal;
- Proporcionar aos/as alunos/as uma experiência próxima da realidade da profissão, pela resolução de um programa com algum nível de complexidade, bem como a aproximação mais detalhada aos processos de definição construtiva e da relação com as diversas especialidades que envolvem o projeto e a obra de Arquitetura.

A apresentação final será feita em painéis síntese de formato A1 (seis no máximo) e um caderno A4.

Finalização do “diário de bordo”, revelador do processo de projeto (caderno A4). Este caderno deverá documentar de forma organizada e crítica todos os momentos de pesquisa formal, construtiva ou de carácter teórico, conducentes à construção e formalização da proposta.

Onde o lugar compõe o Ritmo

Rafael Barreira

Luís Miguel Gomes e Teresa Rodeia

O projecto resulta de uma leitura atenta da envolvente e assenta na intenção de criar uma arquitectura que nasce do lugar e responde às necessidades do território. A proposta estrutura-se em dois elementos indissociáveis: a biblioteca, enquanto equipamento público estruturante, e o espaço público exterior, que qualifica o conjunto e oferece áreas de permanência à comunidade. A biblioteca é assumida como infraestrutura que perlonga o espaço público no interior do lote e funciona como elemento de ligação entre diferentes cotas e frentes urbanas.

A implantação adapta-se à topografia existente, procurando minimizar o impacto no solo e integrar o edifício na morfologia do terreno. Ao estabelecer uma ligação pedonal entre cotas anteriormente separadas, o edifício ultrapassa a sua função programática e passa a organizar percursos e relações urbanas. A organização em U permite a criação de um pátio central que estrutura os usos, clarifica a leitura do conjunto e estabelece relações visuais entre os diferentes espaços. A elevação do piso térreo em relação à rua funciona como um filtro, contribuindo para o conforto, a tranquilidade e a qualidade ambiental dos espaços interiores.

Do ponto de vista formal, o edifício organiza-se em volumes articulados por uma galeria-cobertura contínua, que assegura unidade, orientação e protecção. A volumetria foi cuidadosamente ajustada para garantir uma escala adequada à envolvente e aos utilizadores, evita assim uma expressão excessivamente monumental de forma a favorecer os espaços interiores amplos, bem proporcionados e com boa iluminação natural. O espaço público exterior, inspirado em referências paisagísticas da cidade, complementa a biblioteca e reforça o seu papel como lugar de encontro e permanência.



Planta de localização



Planta térrea



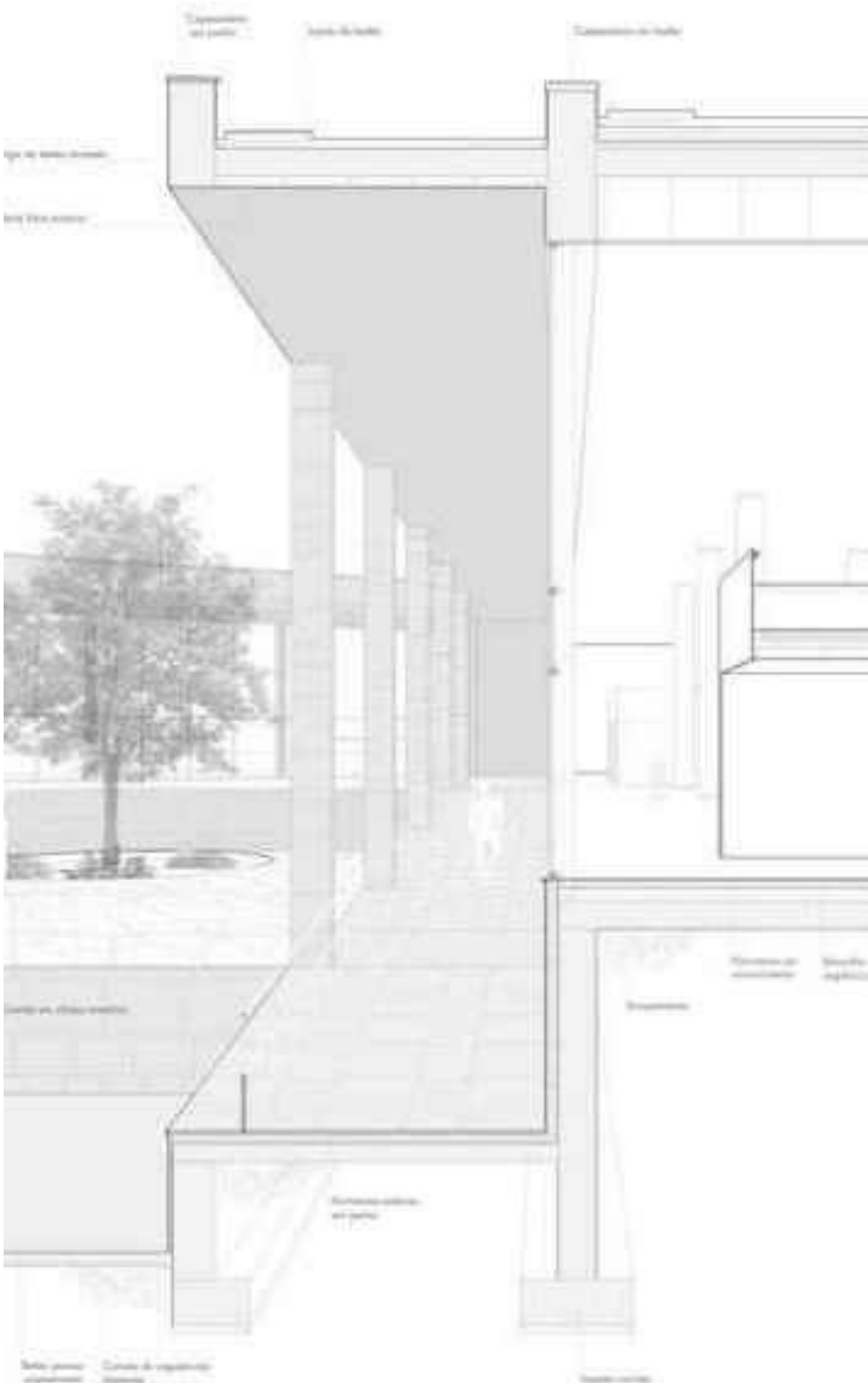
Alçado frontal



Fotomontagem, entrada principal



Fotomontagem, anfiteatro exterior



Corte costruttivo



Fotomontagem, átrio principal



Fotomontagem, ala ponte

Projeto Final de Arquitetura

Enunciado do Projeto

Docente

José Maria Cumbre

Título do Projeto

Entre as Cidades e a Serra

Área de Intervenção

Parque Florestal de Monsanto

Alusão ao título do romance

de Eça de Queirós “A Cidade e

as Serras”

No Lugar do Parque Florestal de Monsanto (primeira referência de arborização a surgir em 1868), foi proposto aos alunos um trabalho em duas fases e com um conjunto diverso de possíveis Temas de Investigação:

Parque Urbano vs Parque Florestal

Recursos Hídricos

Património

Infraestruturas de Mobilidade

(Des)continuidades territoriais

Outros

1ª fase – Investigação

Análise da área de estudo e dos temas de investigação relacionados, que implicará a pesquisa, levantamento e tratamento de diversas fontes, materiais e trabalho de campo. Este trabalho será elaborado em grupo (turma) e, resultará numa reflexão e interpretação crítica do lugar e do seu contexto. Das suas problemáticas e potencialidades e na evolução ao longo das épocas das diferentes estruturas naturais, construídas e humanas.

2ª fase – Projeto

Elaboração e definição da estratégia de intervenção e sequente desenvolvimento do trabalho, a diferentes escalas, através do uso dos instrumentos de projeto. Elaborado individualmente, o projeto deve resultar numa proposta de intervenção congruente, um gesto adequado, capaz de gerar novos caminhos para uma vivência integradora que acrescente sentido ao já longo percurso, que marca a relação com este território.

Ao longo do trabalho propõe-se uma Viagem no encalço da informação que se encontra dispersa pela Bibliografia e pelos diversos Arquivos.

O Vale como charneira

Lucas Buijsman

José Maria Cumbre

O projeto propõe uma ligação qualificada entre o Pólo Universitário da Ajuda, a cidade de Lisboa e o Parque Florestal de Monsanto, através do restabelecimento do Vale do Rio Seco, uma estrutura natural que atravessa o território desde Monsanto até ao Tejo. Atualmente fragmentado por vias rodoviárias e pela disposição dispersa das faculdades, o Pólo carece de uma leitura clara enquanto campus universitário e apresenta uma relação residual com a paisagem envolvente.

A intervenção parte da reativação do vale como eixo estruturador. A remoção do troço existente da Avenida da Universidade Técnica — que interrompia a continuidade topográfica — permite restabelecer a fluidez natural do vale. A via é redesenhada mais a sul, assumindo a forma de ponte: no nível inferior garante o atravessamento automóvel, enquanto no nível superior cria uma passagem pedonal que enquadra a vista para Monsanto. Esta deslocação liberta o terreno e redefine o contacto direto entre o parque e o campus.

Com a aproximação do vale às faculdades, surge a necessidade de redesenhar as suas frentes. Na Faculdade de Arquitetura, a proposta introduz uma nova Stoa — um plano contínuo que funciona simultaneamente como elemento de contenção e como galeria de percurso. Este dispositivo proporciona dois níveis de circulação (cotas 109,50 e 105), permitindo que o edifício se volte para o vale e estabeleça uma relação direta com Monsanto.

No ISCSP, a intervenção assenta na criação de um plano horizontal projetado, que formaliza a frente da faculdade e integra um sistema de rampas que liga as cotas superiores ao vale. Este plano prolonga-se até à Rua Professor Cid dos Santos, onde se desmaterializa numa praça de remate, criando um novo ponto de acesso e reforçando a permeabilidade do campus.

O conjunto destas operações — a deslocação da via, o restabelecimento da linha de água, a criação de novas frentes edificadas e a implementação de um sistema contínuo de percursos — transforma o Pólo Universitário num espaço coerente, legível e integrado. O vale afirma-se como elemento mediador entre campus, cidade e parque, devolvendo ao território uma continuidade paisagística há muito interrompida e propondo um novo modo de viver o Pólo da Ajuda enquanto espaço académico urbano, integrado na estrutura ecológica de Lisboa.







Vista Aérea



Vista do vale





Projeto Final de Arquitetura

Enunciado do Projeto

Docentes

José Luís Saldanha

Paula André

Rosália Guerreiro

Título do Projeto

Desenho Urbano e Paisagem

Área de Intervenção

Bairro dos Olivais Sul

Devido às mudanças climáticas em todo o mundo a paisagem e a arquitetura estão cada vez mais interligadas. As nossas cidades, com a progressiva impermeabilização do solo, estão cada vez mais vulneráveis aos acontecimentos climáticos extremos, nomeadamente as ondas de calor, as tempestades e as cheias. Neste contexto as formas de planeamento que tenham em conta uma existência equilibrada entre o homem e a natureza são cada vez mais importantes.

Tomando como caso de estudo, o Bairro dos Olivais Sul em Lisboa, caracterizado pela sua baixa densidade e uma grande presença de espaços verdes, desenhado no modernismo e considerado por muitos uma solução urbana verdadeiramente sustentável, propõe-se aos alunos a consolidação e expansão da Célula E, deste mesmo plano, através da reconversão duma antiga zona industrial em torno da Av. Infante D. Henrique.

A intervenção, ancorada numa investigação teórica, tem como objetivo principal consolidar os espaços verdes e malha urbana do bairro dos Olivais Sul, por um lado. Por outro lado, pretende-se abrir o bairro ao exterior, nomeadamente através das conexões ao Parque das Nações (Jardim das Rolas) e ao Parque Urbano do Vale Fundão articulado com a “Cidade da Saúde” onde será construído o novo Hospital de Lisboa Oriental. Os espaços vazios existentes e a proximidade de parques urbanos na envolvente permitem dar continuidade e consolidar a estrutura ecológica municipal através dum sistema de corredores verdes, acompanhados dum sistema de percursos pedonais e cicláveis contribuindo assim

para a renaturalização e a sustentabilidade da cidade. O tema está alinhado com Agenda 2030 da ONU estabelecida para orientar a comunidade internacional de decisores em direção a um futuro mais sustentável.

Assim, propõe-se aos alunos uma intervenção à escala urbana, tendo como pano de fundo as figuras do PU, numa primeira fase e do PP, numa segunda fase. Enquanto o PU, mais abrangente (Escala 1:2000-1:5000) diz respeito ao plano de estrutura e zonamento do uso do solo, o PP (Escala 1:1000-1:500) estabelece, com detalhe, a conceção da forma urbana.

A investigação e as estratégias de intervenção a desenvolver pelos alunos privilegiam a importância das características morfológicas e fisiográficas do lugar, os princípios bioclimáticos da arquitetura e do desenho urbano bem como a história e as pré-existências. Trata-se do planeamento e do projeto do espaço urbano que proponha ações compatíveis e adequadas com os requerimentos paisagísticos e os recursos próprios de cada território para avançar no caminho da sustentabilidade.

As propostas de intervenção urbanísticas pressupõem o estudo e investigação do desenvolvimento histórico da urbanização dos Olivais-Sul, compreendendo a sua evolução ao longo do tempo, bem como os principais fatores e elementos da construção desta paisagem.

Caminhos Pedonais como Elemento Estruturante no Urbanismo

Alycie Silva

Maria Rosália da Palma Guerreiro e José Luís Possolo de Saldanha

O conjunto dos Olivais-Sul, projetado nos anos 1960, representa uma das mais relevantes experiências do urbanismo moderno em Lisboa. Estruturado segundo os princípios da cidade-jardim e das unidades de vizinhança, o bairro foi concebido como um sistema de células interligadas, onde a habitação, os equipamentos e os espaços verdes se articulavam numa rede coerente à escala humana.

No entanto, a evolução da cidade e o aumento da dependência do automóvel alteraram a leitura dessa estrutura original, introduzindo fragmentações e barreiras entre o restante da cidade e os bairros. A Célula E, situada na transição entre áreas residenciais e zonas industriais desativadas, evidencia de forma particular esta descontinuidade, funcionando hoje como um território de fronteira e potencial reconexão.

A área de intervenção corresponde a uma ampliação da Célula E dos Olivais-Sul, situada entre a Rua Dom Henrique e a linha dos comboios.

O objetivo principal é propor uma intervenção urbanística que promova a continuidade espacial, a integração com as áreas circundantes e o reforço da mobilidade sustentável, transformando zonas de transição em espaços acessíveis e conectados.

A metodologia combina análise física e territorial, com base em cartografia histórica e atual, e análise bibliográfica, fundamentada em autores como Jan Gehl, Christopher Alexander e Kevin Lynch, além dos, Ebenezer Howard e Meenakshi.

A proposta contribui para superar barreiras pedonais que isolam a Célula E do tecido urbano, oferecendo uma estrutura integrada e adaptada à escala humana. Valoriza-se a caminhabilidade como elemento estruturante, promovendo coesão urbana, qualidade dos espaços públicos e mobilidade ativa.



Localização do bairro Olivais-Sul



Localização da Celula E

Apresenta uma estrutura urbana organizada em quatro camadas interdependentes — caminhos pedonais, espaços verdes, rede viária e edificado — que definem a sua lógica espacial e funcional.



A rede pedonal ■ as extremidades da célula, a presença de grandes vias automóveis interrompe a continuidade com o tecido urbano envolvente, a criar barreiras físicas e perceptivas à escala do peão.

A rede viária □ No interior, predominam ruas de serviço e circulação local, de tráfego reduzido, que asseguram o acesso direto às habitações, aos equipamentos e às zonas verdes.

Os espaços verdes ■ Embora abundantes, encontram-se dispersos, funcionando como vazios entre edifícios mais do que como elementos articuladores.

A estrutura edificada ■ Composta por blocos lineares e áreas de equipamentos, mantém a lógica modernista de baixa densidade e forte presença do espaço livre.

Objetivo:

Reforçar a continuidade da malha urbana, garantindo ligações mais claras entre a Célula E e as áreas vizinhas.

Superar a fragmentação existente, especialmente nas extremidades condicionadas por grandes vias e infraestruturas.

Valorizar a mobilidade pedonal, colocando os percursos como elemento orientador do desenho urbano.

Criar percursos contínuos, seguros e legíveis, integrando espaços livres, equipamentos e transportes públicos.

Transformar zonas de transição em espaços de encontro, promovendo vivência urbana à escala humana.

Contribuir para uma cidade mais sustentável, baseada na proximidade, no conforto e na qualidade do espaço público.



Proposta

A malha de caminhos pedonais assume o papel central na estruturação do espaço.

O traçado organiza-se a partir de linhas contínuas e movimentos curvos, que articulam os diferentes núcleos funcionais e resolvem as variações topográficas com fluidez.

A rede pedonal estabelece ligações diretas entre as zonas residenciais, os espaços de lazer e os equipamentos, garantindo percursos acessíveis e de leitura intuitiva.

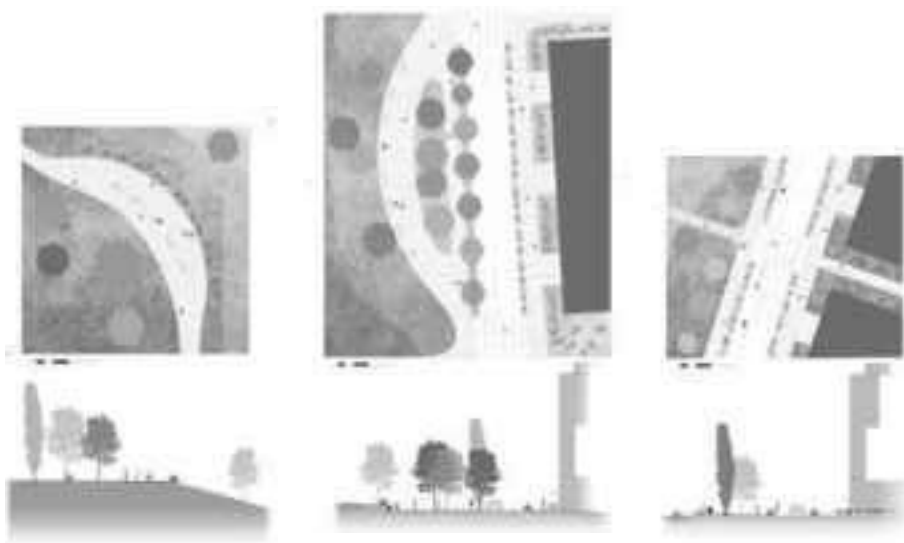
A geometria dos caminhos orienta-se pela escala humana e pela continuidade visual, integrando zonas de travessia, descanso e encontro que reforçam a vivência quotidiana do lugar.



Legenda

Corte aa' e bb' da proposta





Legenda
Plantas e cortes de detalhe A,B e C

Proposta

Terreno- Curvas de nível justadas de forma a garantir transições suaves entre cotas, permitindo a continuidade dos percursos pedonais e o escoamento natural das águas pluviais.

Estradas e estacionamento- A rede viária mantém a hierarquia existente, com vias locais de baixa velocidade e zonas de estacionamento pontual e permeável

Implementação dos edifícios- Respeita a orientação e volumetria que assegura uma boa exposição solar e espaços livres bem definidos entre blocos. A relação entre o edificado e os percursos pedonais reforça a leitura da malha existente e a hierarquia dos acessos.

Espaços verdes- São estruturados em continuidade com os percursos pedonais. A implantação das árvores segue o traçado dos caminhos e das vias, alternando espécies de porte médio e alto para equilibrar sombra, permeabilidade e enquadramento visual.

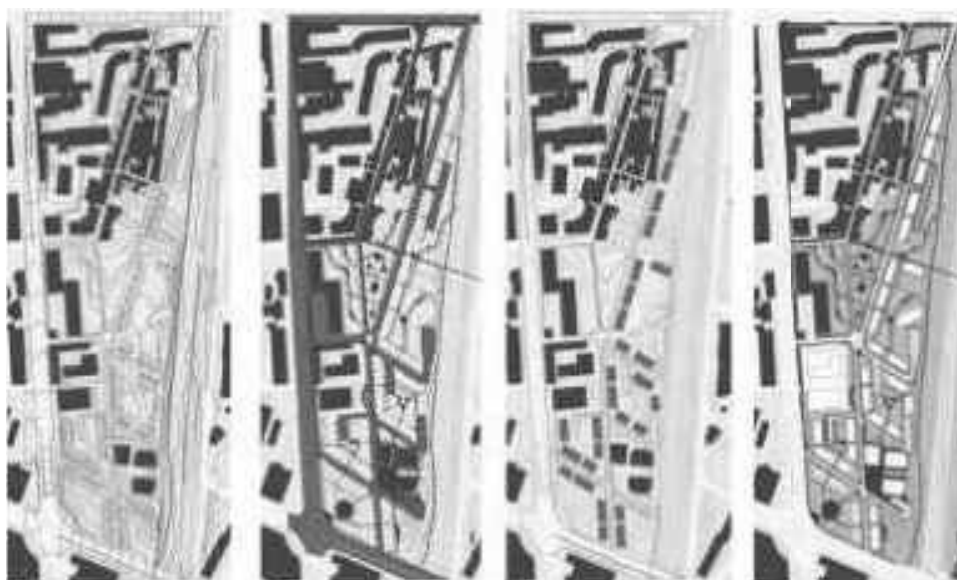
Edificação

As fachadas dos edifícios são marcadas pela horizontalidade dos vãos e pela repetição modular. A composição é simples e funcional, com revestimentos em reboco pintado, que acentuam a linearidade do conjunto. As aberturas seguem uma ordenação regular, garantindo boa iluminação natural e ventilação cruzada nos espaços interiores.

Arborização

Os plátanos, distribuídos ao longo dos principais eixos pedonais e viários, garantem sombra densa e regularidade visual. Já os choupos, implantados em alinhamentos mais soltos nas zonas de transição e junto às áreas verdes abertas, contribuem para uma leitura mais permeável da paisagem.

As tílias, implantadas junto às zonas de permanência e atravessamento, oferecem sombra densa, floração aromática e textura regular. Os ladões-bastardos, distribuídos ao longo das vias secundárias e dos percursos pedonais, possuem copa ampla e tronco claro, garantindo sombra leve e continuidade visual entre os diferentes setores do bairro.



Projeto Final de Arquitetura

Enunciado do Projeto

Docente

José Neves

Título do Projeto

A Arquitetura Detalhada

Área de Intervenção

Aveiro

Setúbal

Vila Viçosa

A arquitetura é a arte de organizar o espaço e expressa-se através da construção.

Auguste Perret

Tinha feito a casa e estava muito contente; o Kahn chegou e perguntou: «e de que é que se vai construir?» Eu fiquei muito irritado e respondi-lhe: «sei lá, não faço a mínima ideia, no meu país as coisas constroem-se com uns panos de tijolo e depois re-boca-se tudo e pinta-se de branco.» «Aí é que você se engana; porque os materiais estão ao serviço do espaço. Se imagina um espaço íntimo, recolhido, com pequenos vãos, interiorizado, escuro, com pequenos orifícios praticados nas paredes, está a falar de tijolo; se imagina espaços maiores, com vãos maiores, com uma construtividade não tão aparente, mais escamoteada, com grandes aberturas, com muros mais ambíguos que tanto podem ser lâminas como grossas paredes, está a pensar em betão; se imagina uma coisa ténue, mais frágil, estará a pensar em madeira ou aço e finalmente, se pensa em qualquer coisa que não caiba neste repertório de materiais repertoriáveis, então está à beira de ter que inventar um novo material; o ser capaz de o inventar ou não, será o teste de validade do seu desejo, do espaço que você finalmente pretende.»

Manuel Vicente (entrevistado por Manuel Graça Dias)
Deus está nos detalhes.

Gustave Flaubert, Aby Warburg, Mies van der Rohe
De todos os medos que comem a alma dos estudantes de arquitetura, um dos maiores é o medo da matéria e do detalhe.

Pegando na definição de Perret, a maioria dos melhores trabalhos de projeto feitos na escola ao longo do curso vão muito longe no que diz respeito à organização do espaço, mas raramente se expressam através de uma hipótese de construção – isto é, da constituição material e do detalhe.

O enunciado que se segue, parte do princípio de que

o 5º ano talvez seja uma boa altura para desfazer esse bicho de sete cabeças.

A materialidade e o detalhe não são segredos misteriosos e inacessíveis.

O seu conhecimento e domínio assenta num trabalho contínuo, que se prolonga pela vida fora, de curiosidade, de observação, de estudo, de crítica, de risco, como não pode deixar de ser com todo o trabalho de arquitetura, sabendo que (como Álvaro Siza tão simples e evidentemente diz):

O arquiteto não pode saber de nada a fundo. O arquiteto é especialista em não ser especialista de coisa nenhuma.

A reflexão, o diálogo e todo o trabalho a desenvolver durante o ano, reconhecendo a arquitetura enquanto um ofício que pressupõe um tempo próprio, um conjunto de meios e uma ética, serão norteados por um conjunto de temas e oposições, que se constituirão como base do trabalho a desenvolver.

As aulas começarão com a apresentação do filme Onde Jaz o Teu Sorriso? (Pedro Costa, 2001) em que a hipótese está presente de forma fulgurante, e que será um mote para todo o trabalho.

O trabalho de projeto assentará sobretudo sobre a prática do desenho arquitetónico à mão (não digital) e da maqueta de trabalho, em várias escalas.

Com o desenvolvimento do projeto, cada aluno escolherá um/a Arquiteto/a, cuja prática e reflexão constituam uma referência central para o seu trabalho, enquanto estudante se arquitetura, por forma a desenvolver um diálogo, em forma de entrevista.

Em termos de programa cada aluno fará um projeto, cujo contexto e dimensão assentará sobre esta verdade enunciada por Alvar Aalto:

É mais fácil construir uma grande ópera ou um centro de uma cidade do que construir uma casa.

Uma Casa do Povo e a Terra em Aveiro

Laura Henriques | Manuel Maria Ramos

José Neves

Aveiro localiza-se na região Centro de Portugal.

A sua proximidade com a bacia lagunar, a Ria, constituiu-se ao longo do tempo, como elemento identitário na fixação da povoação de Aveiro. Valorizou-se a sua situação geográfica (as salinas), propiciando o desenvolvimento das principais atividades económicas: salicultura e pesca.

A malha central da cidade, apesar da aparente uniformidade, resulta de sucessivas fases de crescimento, sendo composta por diversos pequenos bairros, cuja distinção apenas se torna possível através do conhecimento historiográfico aveirense.

A Praça Marquês de Pombal, que há cerca de dois séculos se constituía por um emaranhado de pequenas ruas e vielas, tornou-se um espaço amplo: o Largo do Governo Civil.

A praça, tal como se apresenta hoje, é o espaço intersticial e resultante de todas as alterações que sofreu no decorrer do tempo. Estão pontuadas as escadas de acesso ao parque de estacionamento subterrâneo bem como um quiosque com uma esplanada. Ao mesmo tempo, perderam-se antigos eixos e atravessamentos, resultando no aparecimento das esplanadas que se distribuem de modo desarticulado e sem critério aparente com a praça.

A construção tradicional de Aveiro, era caracterizada pela escassez de pedra, razão pela qual a arquitetura tradicional da região apresenta normalmente paredes portantes em alvenaria de adobe. A partir da segunda metade do século XIX, o tecido urbano aveirense sofreu um processo de transformação profunda, em que o tijolo cozido se afirmou progressivamente como o principal material de construção, remetendo o adobe a um papel secundário e, posteriormente, quase residual.

A reflexão sobre a Casa do Povo é feita, neste projeto, não sobre a sua contextualização histórica a nível nacional, mas sim como pretexto para estudar e explorar um programa que é por natureza público.



Salinas junto à cidade, e Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Aveiro



Ortofotomapa de Aveiro, 2025



Vista da atual Praça Marquês de Pombal, 2025

Uma torre de taipa

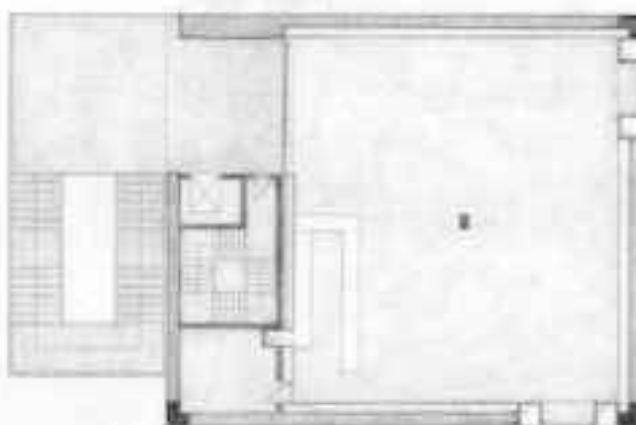
Laura Henriques

A praça assume-se como uma charneira entre um tecido urbano regrado e consolidado e outro fragmentado e heterogêneo. Como resposta à complexidade do tecido urbano envolvente, a implantação de uma torre na praça procura reorganizar o espaço através de uma intervenção mínima, empilhando o programa da Casa do Povo.

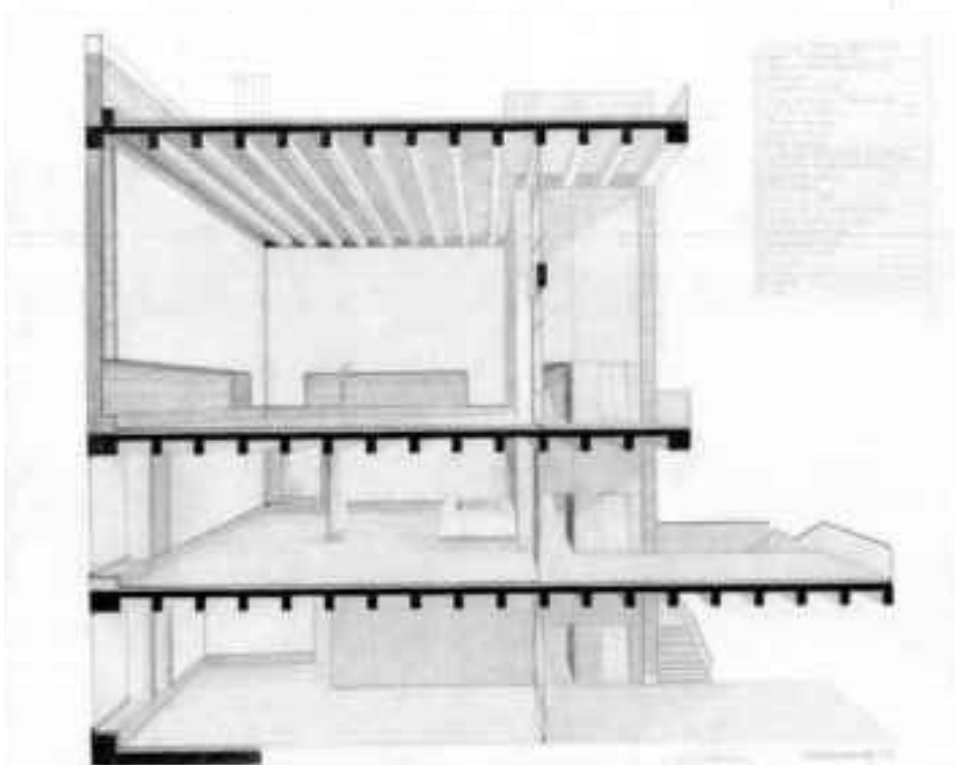
A torre é construída em taipa. Através de aberturas estratégicas no volume são criadas relações com a cidade ao nível do solo e com a paisagem envolvente.



Fotomontagem da torre na praça



Planta do 1º piso



Corte Perspetivado

A Praça, O Coberto e O Tijolo

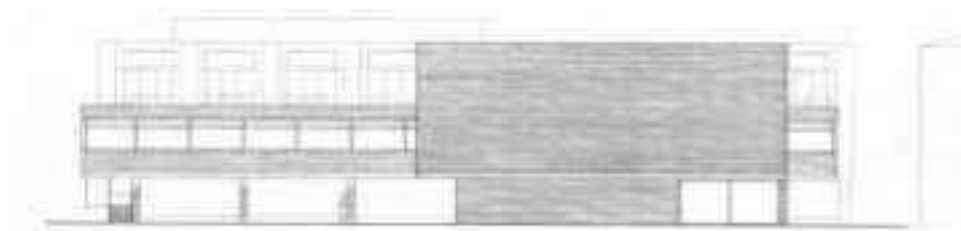
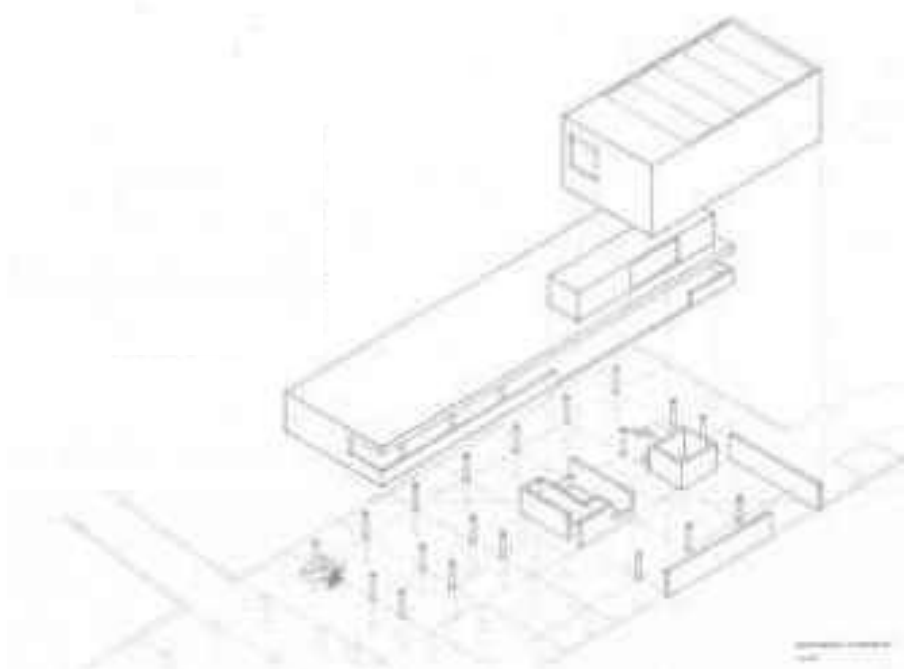
Manuel Maria Ramos

A Praça assume-se como uma charneira entre um tecido urbano regrado e consolidado, e outro fragmentado e heterogêneo.

Pela implantação, proporção e forma dos volumes criados, oferece-se um espaço exterior coberto e redesenham-se as paredes da Praça.

Lêm-se dois volumes, em que num estão os workshops e no outro, o salão. A ligação entre ambos é recuada dos planos das fachadas do salão, promovendo uma alheta de sombra, assumindo este interstício.

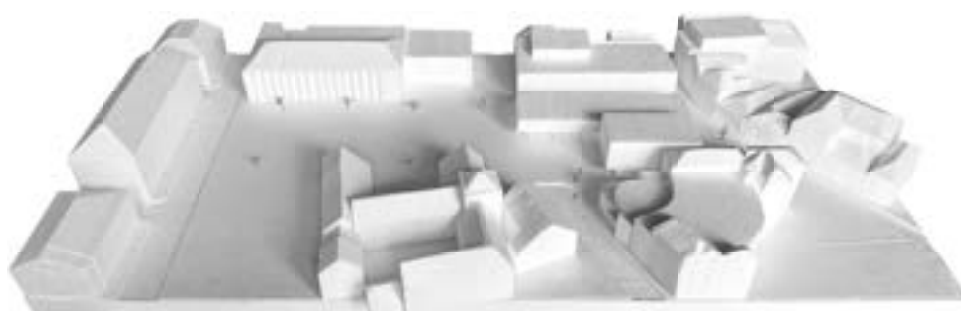
Os espaços, percursos e as relações de transparência e opacidade, associadas à materialidade do tijolo, convidam à permanência.



Alçado Nascente



Corte Perspetivado



Maquete 1:200 com envolvente

Área Científica de Desenho

Docentes

Teresa Rodeia

Sérgio Antunes

Paulo Albuquerque Goinhas

Introdução

A Área Científica de Desenho reúne cinco disciplinas que se desenvolvem de forma coordenada ao longo do percurso académico: Desenho I, Desenho II e Desenho III, cada uma estruturada em duas componentes, e Comunicação Visual I e II.

Os conteúdos programáticos incidem sobre os diferentes meios de representação em arquitetura, abordando as suas potencialidades, técnicas e contextos culturais, entendendo-os como linguagens e códigos específicos que estabelecem relações entre signos e a matéria construída.

Tendo um objectivo comum, os exercícios ilustram a diversidade de abordagem dos enunciados e de resposta a estes. Pretende-se uma aprendizagem de contínuo contacto com a prática, com crescente autonomia e familiaridade dos estudantes com as técnicas de representação e seu conteúdo objetivo e subjetivo – as narrativas e meta-narrativas que o conjunto das técnicas de representação, cruzadas entre si, podem formar.

Desenho I

Elenco dos Exercícios

Componente A

(Teresa Rodeia)

Docentes

Sérgio Antunes

Teresa Rodeia

Âmbito dos Exercícios

Desenho do Real

Área de Estudo

Objetos à escala da mão

Parque da Pedra, Monsanto

Exercício 1

Invenção de um léxico: diversidade expressiva de marcas gráficas.
Equivalência de peso visual entre tramas de diferentes naturezas expressivas.

Observação e Representação do Real

Exercício 2

Modelo: papel vincado, enrolado, torcido e amachucado.
Adequação de marcas gráficas à natureza expressiva dos diversos modelos: relação entre peso físico e peso visual.

Exercício 3

Modelo: pequenas estruturas vegetais.
Adequação de marcas gráficas à natureza expressiva dos modelos: intencionalidade de cada gesto.

Exercício 4

Modelo: elemento de calçado (sapato/sapatilha/ténis).
Leitura e identificação do modelo do ponto de vista das suas características gerais (Modo diagramático, do todo para a parte) – massa/volume, proporção – e das suas características particulares que se prendem com a sua construtividade (Modo caligráfico, da parte para o todo) e síntese expressiva.

Exercício 5

Modelo: contentor de vidro com água e objeto semi-submerso.
Modo diagramático (do todo para a parte) e modo caligráfico (da parte para o todo) e síntese expressiva.

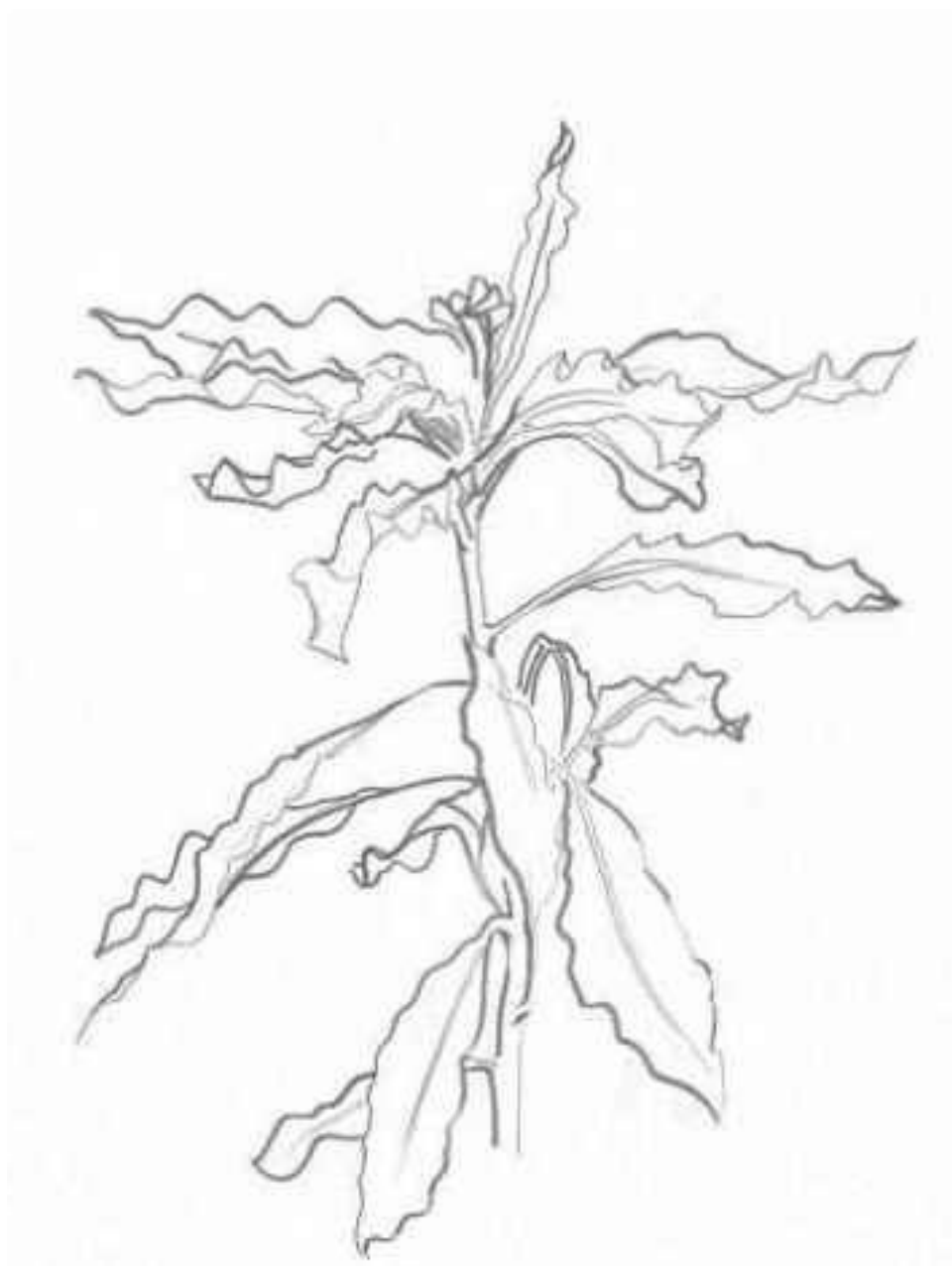
Exercício 6

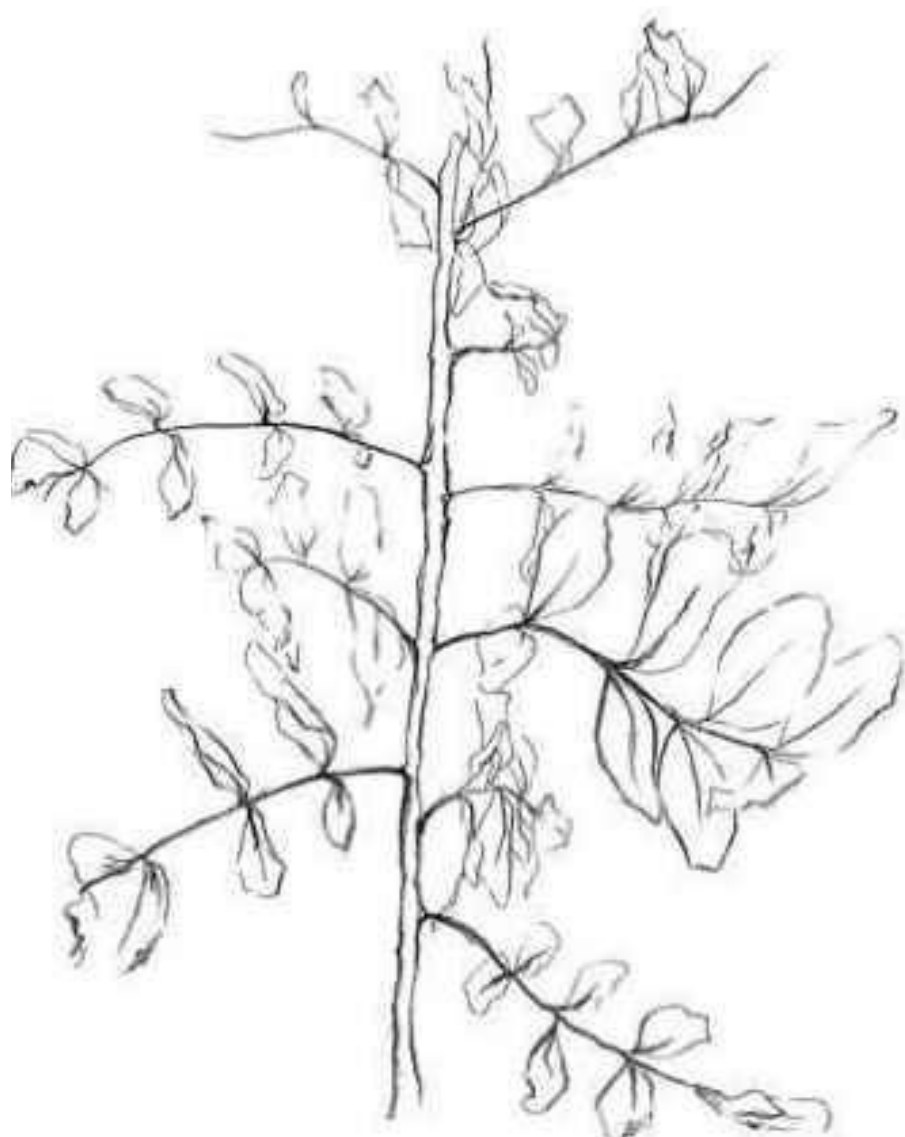
Reconhecimento de um lugar a partir da sua representação gráfica: Parque da Pedra, Monsanto (lugar de intervenção da UC Arquitetura I).

Afonso Malato
Tramas, equivalências
Tinta sobre papel

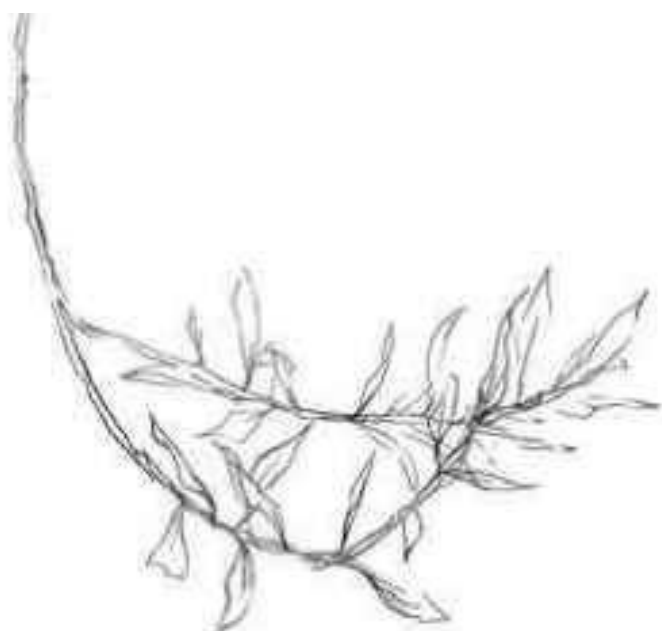


Afonso Malato
Estruturas vegetais
Grafite sobre papel





Lara Pardete
Estruturas vegetais
Grafite sobre papel



Lara Pardete
Estruturas vegetais
Grafite sobre papel

Desenho II

Elenco dos Exercícios

Componente A

Docentes

Teresa Rodeia

Âmbito dos Exercícios

Desenho do Real

Área de Estudo

Objetos à escala do corpo

Observação e Representação do Real

Exercício 1 - Cubos: planta+perspetiva

Modelo: conjunto de 4 cubos colocados sobre o mesmo plano horizontal: Modo diagramático (do todo para a parte).

Exercício 2 - Cubos empilhados

Modelo: conjunto de cubos empilhados: Modo diagramático (do todo para a parte).

Exercício 3 - Cubos em proximidade: espaço positivo/negativo

Modelo: conjunto de cubos colocados a curta distância, promovendo tensões espaciais entre si: representação dos volumes cúbicos e representação do espaço intersticial definido pelos cubos, assumindo-o enquanto volume. Modo diagramático.

Exercício 4 - Cubos em profundidade

Modelo: conjunto de cubos colocados em profundidade (perto, meia distância, longe), enfatizando a ideia de espaço. Modo diagramático.

Exercício 5 - Conjunto vasto de cubos: ideia de múltiplo

Modelo: conjunto vasto de cubos 'desarrumados', revelando a ideia de múltiplo. Modo diagramático.

Exercício 6 - Cadeiras empilhadas

Modelo: 2 cadeiras empilhadas: silhueta (contorno exterior) e contornos exteriores e interiores: figura/fundo, volume/espaço.

Exercício 7 - Topografia 1

Modelo: panos com padrões de riscas. Modelação de uma superfície a partir da deformação do padrão que a constitui.

Exercício 8 - Topografia 2

Modelo: plástico translúcido sobre cadeira. Modelação de uma superfície constituída por plástico translúcido a envolver cadeiras: adequação dos códigos gráficos à natureza expressiva dos materiais.



Afonso Malato
Topografia 2
Tinta sobre papel



Desenho II

Elenco dos Exercícios

Componente B

Docentes

Sérgio Antunes

Âmbito do Exercício

Análise e Representação

Exercício 1

Os alunos deverão pesquisar e seleccionar uma pintura do período compreendido entre a renascença e o impressionismo. A seleção deverá ser feita através das características da composição, espaço e luz. Após a seleção deverão montar uma estratégia para a “reprodução” desta imagem através das ferramentas de modelação e renderização. Não se trata aqui de uma reprodução literal, mas sim de uma interpretação ou “inspiração”. Deverão ser utilizadas as várias componentes da construção de uma imagem: modelação, introdução de elementos externos, criação e atribuição de materiais, posicionamento de camera, iluminação, “render” e pós-produção.



Afonso Malato
 "L'Escarpolette"
 Render



Rita Espanha da Cunha
"Strandgade 30"
Render

Desenho III

Enunciado dos Exercícios

Docentes

Teresa Rodeia

Paulo Albuquerque Goinhas

Âmbito dos Exercícios

Desenho do Real

Desenho do Imaginado

Área de Estudo

Tapada das Necessidades

Campus do Iscte

“Casa, Árvore, Pessoa”

Exercício 1.01 - Apresentação

Exercício de autoapresentação.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

Exercícios 1.02 e 1.03 – Espaço da sala de aula

Exercício de observação do real e representação plástica de espaço arquitetónico.

Exercícios 1.04 e 1.05 – Tapada das Necessidades

Exercício de observação do real e representação plástica de espaço urbano e de espaço arquitetónico.

Exercício 1.06 – Desenhos de referência

Partilha e discussão de casos de estudo selecionados pelos alunos.

Exercício 1.07 a 1.10 – Ala Autónoma

Exercício de observação do real e representação plástica de espaço arquitetónico.

“O Problema não é o Problema.”

Exercício 2.01 – Memória Espacial Projetiva

Exercício de desenho projetivo partindo de uma linha abstrata simultaneamente em planta e em secção.

“There is a crack in everything, that's how the light gets in.”

Exercício 2.02 a 2.04 – Corte Habitado

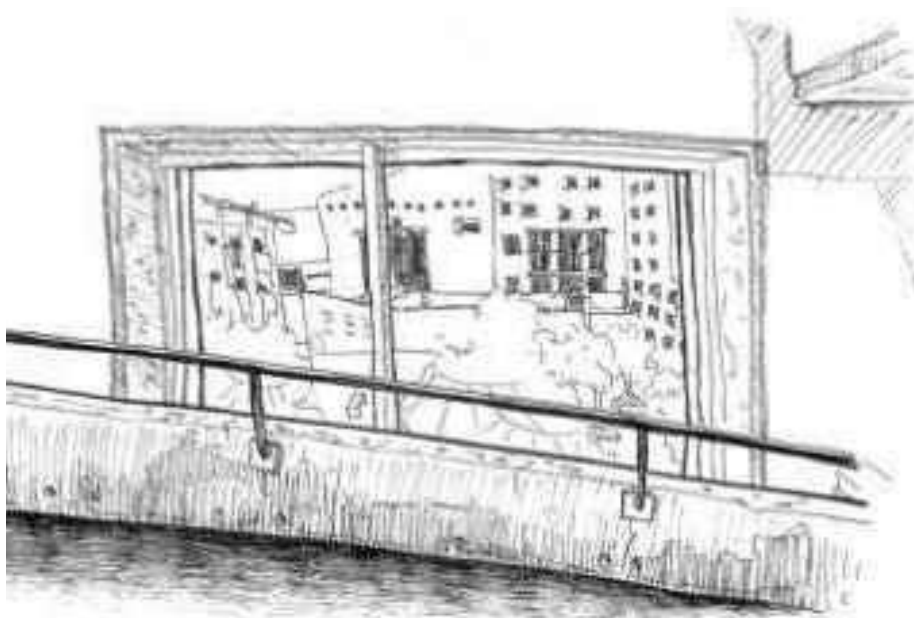
Exercício de representação plástica de espaços imaginados, recorrendo a objetos do quotidiano.

Exercício 2.05 Espaço Duplicado

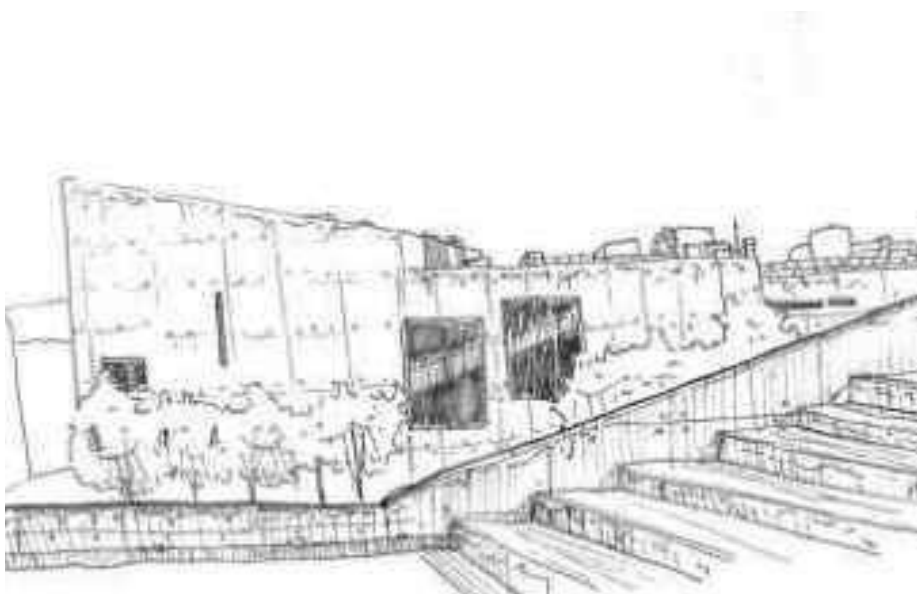
Exercício de manipulação de espaço real, alterando as suas proporções.



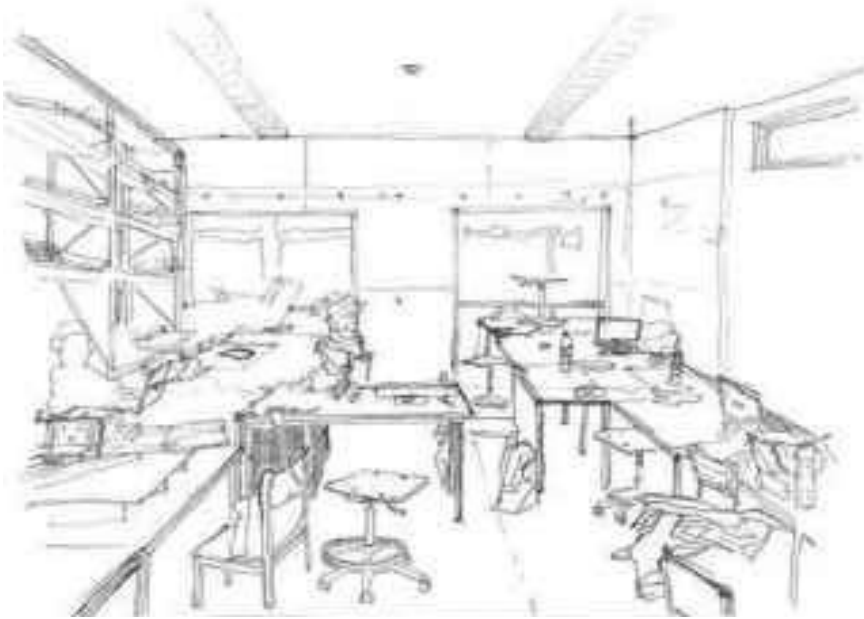
Afonso Santos
Sala de Aula, Interior
Tinta sobre papel (Diário Gráfico)



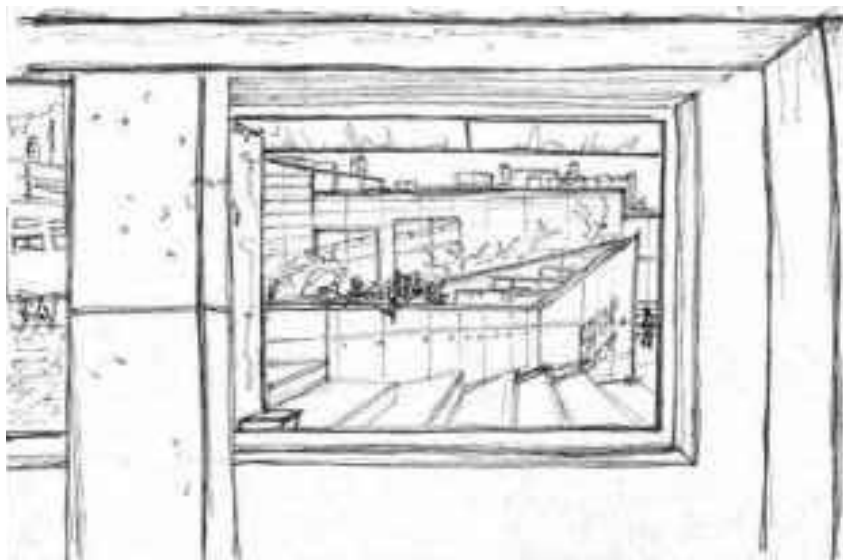
Afonso Santos
Sala de Aula, Interior exterior
Tinta sobre papel (Diário Gráfico)



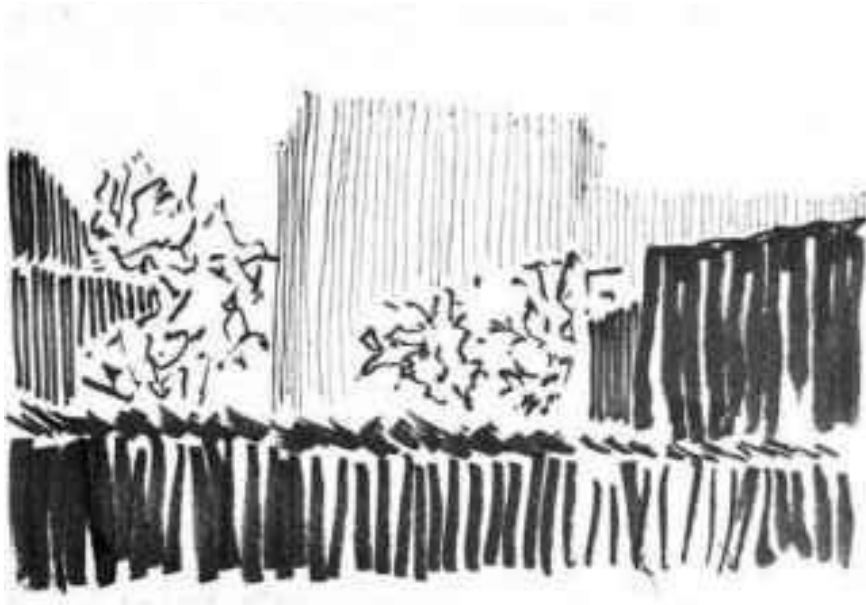
Afonso Santos
Iscte, Ala Autónoma
Tinta sobre papel (Diário Gráfico)



Beatriz Santos
Sala de Aula, Interior
Tinta sobre papel (Diário Gráfico)



Beatriz Santos
Sala de Aula, Interior exterior
Tinta sobre papel (Diário Gráfico)



Beatriz Santos
Iscte, Ala Autónoma
Tinta sobre papel (Diário Gráfico)

Comunicação Visual I

Elenco dos Exercícios

Docentes

Paulo Albuquerque Goinhas

Âmbito dos Exercícios

Modos de Representação

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

Exercício 1.01 – Caso de Estudo 1

Análise de caso de estudo, “Casa dos Cubos de Tomar - EMBAIXADA”. Trabalho em grupo de reconstituição visual de um discurso.

Exercício 2.01 e 2.02 – Caso Estudo 2 e 3 - FISTA

Análise de casos de estudo, conferências EXTRASTUDIO arquitetos e EX FIGURA atelier. Trabalho em grupo de reconstituição visual de discursos arquitectónicos.

“No princípio era o Verbo.”

Exercício 3.01 e 3.02 – Verbo em Arquitetura

Análise e categorização de textos: Ensaio de Carlos Ferrater sobre projeto Casa AA e ensaio poético de Fujimori Terunobu sobre a Casa de Chá Takasugi-an. Em grupos foi feita uma análise aos textos, individualmente, um trabalho de escrita criativa.

“Even a brick wants to be something.”

Exercício 4.01 - Matérias

A representação com recurso a elementos materiais. Em grupo, os alunos treinam conceitos complexos através da manipulação direta de matérias, tendo como ponto de partida o Tijolo, que precisam desconstruir e depois reconstituir.

“The world of art is not a world of immortality but of metamorphosis.”

Exercício 5.01 e 5.02 - Atlas e Atlas Gerados

Bloco de estudo dedicado à elaboração de Atlas. Processos acumulativos e de pluralidade, com recurso a memórias e pesquisa ativa de referências numa primeira fase.

Bloco de estudo dedicado à elaboração de Atlas virtuais. Representação direta, gerando imagens com recurso a tecnologias de Inteligência Artificial.

Alunos

Diana Ferreira

João Jacob

Joana Alves

Maria Olejnik

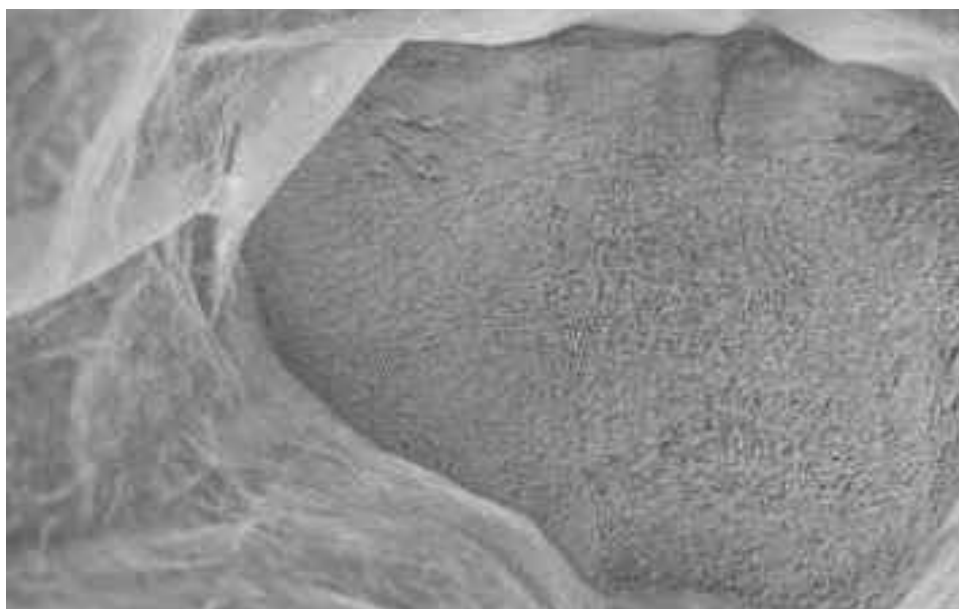
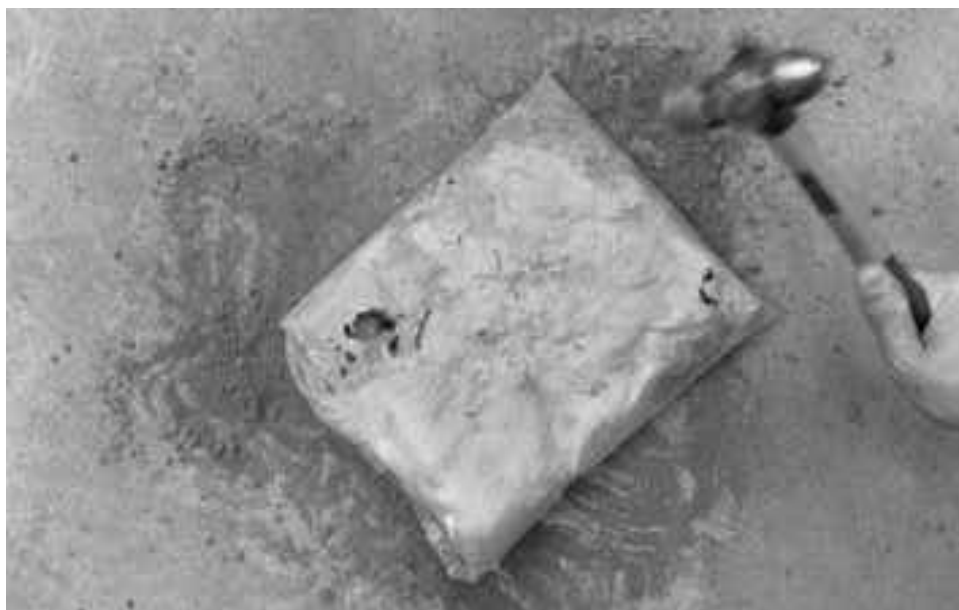
A Not so Fragile Journey: From Brick to Glass

O projeto parte de um tijolo de barro, um objeto comum e pesado cuja identidade material se pretende desfazer. A intenção é remover as qualidades que o tornam reconhecível e transformá-lo num novo objeto, sem memória da sua função original. O conceito assenta no contraste entre materiais: do aspeto rugoso e opaco do tijolo à leveza e fragilidade do vidro. A possibilidade desta transformação foi inicialmente estudada através da comparação das composições químicas de ambos, revelando elementos em comum, como sílica, óxidos metálicos e alumina, sugerindo a viabilidade da experiência.

O processo inicia-se com a destruição física do tijolo. Este é fragmentado com martelo, peneirado e reduzido a pó fino, anulando a forma original e permitindo a preparação de uma mistura adequada à fusão. Após contacto com especialistas da Vista Alegre, foi fornecida uma fórmula contendo carbonatos, nitratos, borato e o pó de tijolo. A busca por um forno revelou uma limitação: apenas se atingiam 1200°C, abaixo dos 1500°C ideais para vitrificação. A fórmula foi ajustada para funcionar com esta temperatura, e a mistura foi aquecida durante cinco horas, arrefecendo depois naturalmente.

O resultado final não foi um vidro liso, mas uma massa sólida e texturada, com cavidades e fragmentos cristalizados. Ainda assim, partes da peça apresentavam som vítreo ao impacto, confirmando uma vitrificação parcial. A transformação não produz um objeto funcional, mas cria uma entidade materialmente autónoma, dissociada do tijolo original. O projeto torna-se, assim, uma reflexão sobre identidade material, experimentação e reinvenção no campo da arquitetura.





Comunicação Visual II

Elenco dos Exercícios

Docentes

Sérgio Antunes

Âmbito dos Exercícios

Modos de Representação

Exercício 1 - Colagem

Com base num projeto desenvolvido pelo aluno num dos anos transatos, pretende-se a criação de uma colagem manual a partir de elementos sortidos, com o objetivo de suprir uma falha de representação conceptual identificada no projeto original.

Exercício 2 - Bestiário

Cada aluno deverá identificar um medo pessoal e criar a sua representação de forma analógica, recorrendo à coleção de gravuras de animais fornecida, bem como a riscadores variados. A "besta" resultante deverá ser nomeada.

Exercício 3 - Grelhas Gráficas

A partir de um conjunto definido de blocos de texto, imagens e de uma grelha pré-estabelecida, os alunos deverão produzir manualmente uma colagem correspondente a uma tipologia gráfica à sua escolha (cartaz, capa de revista, entre outras). O exercício tem como referência o livro Sistema de Grelhas, de Josef Müller-Brockmann.

Exercício 4 - Opostos

Com base num conjunto de folhas coloridas, pretende-se que cada aluno desenvolva duas composições manuais que ilustrem pares de palavras ou conceitos opostos, como paz/guerra, local/global, privado/coletivo, lealdade/traição, entre outros.

Exercício 5 - Painel de Apresentação

Pretende-se que cada aluno elabore um painel de apresentação relativo a um projeto desenvolvido num dos anos transatos.



Adriana Ferreira
Painel

A RAMPA DO PARQUE

